

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

MIGUEL SILVA DOS SANTOS

**EMPREENDEDORISMO E INFÂNCIA:
UM ESTUDO SOBRE A MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO NEOLIBERAL**

Recife

2019

MIGUEL SILVA DOS SANTOS

**EMPREENDEDORISMO E INFÂNCIA:
UM ESTUDO SOBRE A MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO NEOLIBERAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bezerra de Andrade.

Recife

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237e Santos, Miguel Silva dos
Empreendedorismo e infância: um estudo sobre a materialização do discurso neoliberal / Miguel Silva dos Santos. - 2019.
67 f.

Orientador: Fabio Bezerra de Andrade.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2020.

1. Neoliberalismo. 2. Discurso. 3. Empreendedorismo. 4. Infância. I. Andrade, Fabio Bezerra de, orient.
II. Título

CDD 300

MIGUEL SILVA DOS SANTOS

**EMPREENDEDORISMO E INFÂNCIA:
UM ESTUDO SOBRE A MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO NEOLIBERAL**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Recife, 20 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Bezerra de Andrade
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Josias Vicente de Paula Júnior
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Paulo Afonso Barbosa de Brito
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

A minha mais sincera gratidão a todos os familiares, amigos, professores e colegas que direta ou indiretamente me ajudaram na minha jornada de formação como Bacharel em Ciências Sociais.

Agradeço especialmente ao Prof. Fábio Bezerra de Andrade por ter me orientado na realização desse trabalho de conclusão de curso, e por todo o auxílio que foi oferecido durante o transcurso da minha graduação.

Aos professores Josias Vicente de Paula Júnior e Paulo Afonso Barbosa de Brito por se disponibilizarem a avaliar o presente trabalho.

Agradeço também às Professoras Alessandra Uchôa Sisnando, Júlia Figueredo Benzaquen e Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva por toda assistência recebida durante o curso.

Sou grato também aos meus colegas de curso Paulo Victor, Gleyce Kelly, Lucas Elias e Lucas Rodrigo por todo o apoio recebido. Pessoas que além de serem colegas de curso se transformaram em grandes amigos.

RESUMO

No presente trabalho buscou-se observar como, a partir de uma realidade em que o neoliberalismo se apresenta como pensamento dominante, tem ocorrido a difusão de discussões que buscam se debruçar sobre a questão de uma infância empreendedora. No decorrer do texto busca-se delinear quais são as principais características do neoliberalismo, e como ele foi se construindo enquanto um discurso. Trabalha-se sobre a questão do empreendedorismo, caracterizando-o como a materialização, a concretude do discurso neoliberal. Foi realizada a análise de reportagens que falam sobre empreendedorismo e infância. Através delas verificou-se que ocorre uma forte ênfase sobre uma infância empreendedora, uma defesa que na maioria das vezes ocorre sem o acompanhamento de um exame de suas implicações. Concluiu-se que o neoliberalismo produz o fenômeno do empreendedorismo infantil como a única alternativa viável, e que busca construir nos indivíduos um comportamento específico.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Discurso. Empreendedorismo. Infância.

RESUMEN

En el presente trabajo se ha buscado observar cómo, desde una realidad en la que el neoliberalismo se presenta como el pensamiento dominante, se ha producido la difusión de discusiones que buscan abordar el tema de una infancia empresarial. A lo largo del texto buscamos esbozar cuáles son las características principales del neoliberalismo y cómo se construyó como un discurso. Trabajamos en el tema del emprendimiento, caracterizándose como la materialización, la concreción del discurso neoliberal. Se realizó el análisis de informes sobre emprendimiento e infancia. A través de ellos se descubrió que hay un fuerte énfasis en una infancia empresarial, una defensa que ocurre con mayor frecuencia sin acompañar un examen de sus implicaciones. Se concluyó que el neoliberalismo produce el fenómeno del emprendimiento infantil como la única alternativa viable, y busca construir en los individuos un comportamiento específico.

Palabras Clave: Neoliberalismo. Discurso. Emprendimiento. Infancia.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	6
2.	OS PRINCÍPIOS DO NEOLIBERALISMO	8
2.1.	DAVID HARVEY E O NEOLIBERALISMO	8
2.2.	NEOLIBERALISMO SEGUNDO MICHEL FOUCAULT	11
2.3.	A ORDEM NEOLIBERAL PARA DARDOT E LAVAL	14
3.	DISCURSO NEOLIBERAL E EMPREENDEDORISMO	23
3.1.	NEOLIBERALISMO COMO DISCURSO	23
3.2.	DISCURSO NEOLIBERAL E EMPREENDEDORISMO	29
3.2.1.	Capital Humano e Empreendedorismo	29
3.2.2.	Fundamentos da Educação para o Empreendedorismo	31
3.2.3.	Infância e Empreendedorismo	34
4.	DISCURSO NEOLIBERAL E INFÂNCIA EMPREENDEDORA	38
4.1.	EMPREENDEDORISMO NA ESCOLA	39
4.2.	TRANSFORMANDO O SEU FILHO EM UM LÍDER	41
4.3.	TRANSFORMANDO O SEU FILHO EM UM EMPREENDEDOR	46
4.4.	INFÂNCIA EMPREENDEDORA COMO MODELO	52
4.4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	57
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS	63

1. INTRODUÇÃO:

As últimas décadas do século XX são marcadas pelo processo de neoliberalização que se inicia a partir das sociedades ocidentais, e vai se difundir pelos quatro cantos do globo. O neoliberalismo aqui:

[...] deve ser compreendido como o discurso hegemônico de um modelo civilizatório, isto é, como uma extraordinária síntese dos pressupostos e dos valores básicos da sociedade liberal moderna no que diz respeito ao ser humano, à riqueza, à natureza, à história, ao progresso, ao conhecimento e à *boa vida*. (LANDER, 2005, p. 8)

Um processo que tem levado a diversas transformações em vários setores da sociedade, e em que cada sujeito é tido como o único responsável por tudo o que ocorre em sua vida. Nesse sentido o discurso neoliberal produz o empreendedorismo, sustentando que cada pessoa deve encontrar de maneira individual uma solução para os dilemas enfrentados socialmente.

O processo de neoliberalização gerou diversas transformações que abarcam todos os níveis da sociedade. David Buckingham (2007) destaca que a infância é uma concepção social, e que a partir dos últimos anos do século XX tem ocorrido uma modificação quanto à concepção vigente de infância.

A neoliberalização da sociedade com a emergência do pensamento empreendedor vai gerar grandes influências quanto à concepção social de infância vigente. Buscamos em nosso estudo justamente compreender como o discurso neoliberal se articula com o empreendedorismo, e com isso gera a produção de uma infância empreendedora centrada na liderança.

A partir desses aspectos buscamos observar de que modo o empreendedorismo tem se inserido nos discursos sobre a infância. Buckingham (2007) destaca que quando se fala sobre a concepção social de infância existem dois tipos de discurso diferentes: o primeiro que fala sobre a infância, e que é produzido de adultos para outros adultos, podendo ser acadêmicos ou mais populares estando na grande mídia. O segundo é o discurso para as crianças, que se realiza em forma de mídia e literatura infantil, criado majoritariamente por adultos voltado às crianças.

O presente estudo foi realizado a partir dos discursos sobre a infância, centrando-se em como essa questão vai aparecer na mídia, em especial em revistas e jornais. A pesquisa foi realizada sobre reportagens de jornais e de revistas de entretenimento e variedades que busquem tratar sobre as questões do empreendedorismo a partir da perspectiva de se pensar em uma infância empreendedora.

O presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro capítulo trata-se de apresentar o neoliberalismo, o que será realizado a partir dos textos de David Harvey (2008), Michel Foucault (2008b, 2008c) e Pierre Dardot e Christian Laval (2016).

No segundo capítulo será tratado sobre como o neoliberalismo se caracteriza como discurso, utilizando-se para isso das discussões apresentadas no capítulo anterior e do conceito de formação discursiva em Foucault (2008a). Além do que será trabalhado também sobre como o discurso neoliberal gera a questão do empreendedorismo, o que se realiza a partir dos textos de Costa (2009); Coan (2011); Casaqui, Matijewitsch e Figueiredo (2019) e por fim Gadelha (2013).

O terceiro capítulo tratará de apresentar as questões observadas nos objetos que foram analisados. As reportagens analisadas foram divididas em quatro grupos diferentes. No primeiro grupo falando sobre o tema a partir das escolas. No segundo tem-se reportagens que falam de como transformar as crianças em líderes. No terceiro grupo estão as reportagens que falam em como transformar as crianças em empreendedores. No quarto grupo estão as reportagens que buscam apresentar exemplos de crianças empreendedoras.

2. OS PRINCÍPIOS DO NEOLIBERALISMO:

No neoliberalismo acredita-se que todos os indivíduos, mesmo os que se encontram nas margens da sociedade, possuem a capacidade de incrementar seu “capital humano” através da criação, da inovação e do empreendimento.¹

(CASTRO-GÓMEZ, 2010, p. 51)

No presente capítulo é trabalhado o conceito de neoliberalismo. O que será realizado em três seções, na primeira trabalhamos com o neoliberalismo a partir da perspectiva de David Harvey (2008); na segunda seção trazemos as contribuições de Michel Foucault (2008b, 2008c); o terceiro tópico é formado pelas ideias de Pierre Dardot e Christian Laval (2016).

2.1. DAVID HARVEY E O NEOLIBERALISMO:

David Harvey em seu livro *O neoliberalismo* busca compreender de que modo a agenda neoliberal foi implementada. Harvey (2008) demonstra que o mundo passou por uma grande transformação no espectro político e econômico no final da década de 1970. Esse é um processo que muitas vezes é designado como globalização, e que se caracteriza pela acomodação do neoliberalismo em posição hegemônica.

Essa transformação inicia-se com a crise do que o autor chama de liberalismo embutido, construído a partir do Tratado de Bretton Woods e que se caracterizava por ter uma forte regulação do estado em todas as áreas, marcado pela existência de intervenções econômicas e de políticas de bem-estar social. Com o liberalismo embutido existia um certo controle das desigualdades, mas com a crise do liberalismo embutido as classes altas viam que esse controle poderia significar uma ameaça à sua posição privilegiada.

Esse sistema entra em crise a partir dos anos 60 e muito vem a ser discutido como saída, o caminho que será adotado será o do neoliberalismo. A implementação do neoliberalismo ocorre de forma não-elaborada, o que pode ser

¹ Tradução nossa do original: “En el neoliberalismo se parte de que todos los individuos, aun los que se encuentran en las márgenes de la sociedad, tienen la capacidad de incrementar su “capital humano” mediante la creación, la innovación y el emprendimiento.”

verificado pelas diferenças observáveis entre as diversas maneiras de implementação do neoliberalismo a depender do jogo político, econômico e social de cada local. Apesar dessas diferenças pode-se observar que o neoliberalismo foi usado ou para restaurar e reestruturar o poder das elites econômicas ou para criá-los onde ainda não existia.

Os ideais políticos da dignidade humana e da liberdade individual são fundamentais para o neoliberalismo que o toma como sendo “os valores centrais da civilização”. No entanto o autor também destaca que pode-se ver demasiadas diferenças entre a teoria neoliberal e a maneira que a neoliberalização ocorreu. A defesa da liberdade vai acabar se definindo como defesa do livre empreendimento, que segundo o autor:

significa “a plenitude da liberdade para aqueles que não precisam de melhoria em sua renda, seu tempo livre e sua segurança, e um mero verniz de liberdade para o povo, que pode tentar em vão usar seus direitos democráticos para proteger-se do poder dos que detém a propriedade”. (HARVEY, 2008, p. 46)

Com essa forma de interpretação das liberdades não existe garantia real de liberdade. Além do que a partir dessa visão de mundo também a dignidade humana, que seria o outro valor central da civilização, não se encontra de modo algum assegurada.

O caráter global do neoliberalismo não significa a implementação de ligações entre as elites dirigentes de diferentes países, mas sim o aprofundamento de tais relações. Visto que elas sempre existiram e não se contrapõem às relações que cada elite individual possui com o Estado-nação ao qual está acoplado. Essas elites se alimentam e nutrem os aparelhos de cada Estado específico.

Na implementação da agenda neoliberal foi usada muitas das questões nascidas do próprio tecido social, como por exemplo as críticas surgidas com os movimentos sociais, um aspecto que convém bastante para o neoliberalismo. No entanto existiam também questões que o neoliberalismo precisava implementar que iam de encontro aos interesses da sociedade, tais como mudanças nas corporações capitalistas e no próprio sistema de mercado.

O aspecto primordial que Harvey (2008) apresenta como necessidade de implementação pelo neoliberalismo que ia de encontro com os interesses sociais é o

enfraquecimento do poder dos sindicatos. Esse enfraquecimento vai ocorrer através de políticas de Thatcher no Reino Unido e Reagan nos Estados Unidos. Vai ser motivado pela incompatibilidade de gastos keynesianos com os interesses do capitalismo financeiro. Enfrentando grandes dificuldades esse enfraquecimento vai se realizar pela construção do consenso que diz que ou se reivindica avanços nos direitos trabalhistas, ou consegue-se manter os empregos; com a construção desse consenso os sindicatos perdem cada vez mais seu campo de atuação.

O autor busca apresentar os aspectos que, segundo as teorias, são as características do Estado neoliberal. O Estado é tido como o garantidor das liberdades, e o principal meio para realizar isso seria através da mínima intervenção do Estado, pois ele pode acabar sendo acoplado ao interesse de alguns poucos. A solução apresentada é que o Estado se coloque como mais um jogador no mercado, pois desse modo estariam asseguradas as liberdades, já que elas seriam garantidas pelo jogo da concorrência do mercado. .

Alguns pontos são apontados como divergentes nessa forma de existência do Estado. A livre concorrência acaba por levar a monopólios ou oligopólios, o que destruiria o caráter regulador da concorrência, o Estado deve então garantir ou que não ocorra esse processo de monopolização ou que onde ele ocorra ainda exista alguma forma de regulação de mercado; no entanto já foi dado ao Estado um papel não interventor; fica então o dilema de como responder a essa questão. Isso ocorre pelas falhas que existem no próprio sistema de competição, pois a teoria pressupõe que todos os agentes de mercado possuem um mesmo acesso às informações e ao poder, mas na prática esse acesso é assimétrico e essas diferenças fazem com que os que têm maior acesso possam sempre garantir para si as melhores condições, o que só amplia essas assimetrias.

Outra questão levantada pelo autor como sendo divergente nessa conceituação do Estado neoliberal é a questão política. Os indivíduos são livres para escolher o caminho que desejam seguir, mas quando eles escolhem construir instituições coletivas fortes isso coloca em risco os pressupostos do neoliberalismo. O Estado, guardião das liberdades, intervém para suprimir esses intentos restringindo a liberdade de organização dos indivíduos. Pode-se observar entre muitos teóricos neoliberais a defesa de uma gestão do Estado mais centrada em

especialistas do que em aspectos democráticos. O objetivo aqui é o de conter os ímpetus que possam surgir no meio do tecido social.

Por essas questões em nenhum Estado houve a implementação de um governo 100% neoliberal, tornando bastante difícil definir o Estado neoliberal. Além do que ele se encontra em constante transformação para se adaptar às diferentes realidades que mudam de lugar para lugar e de um Estado para outro. Com isso pode-se observar que o Estado neoliberal é bastante instável em sua própria essência.

2.2. NEOLIBERALISMO SEGUNDO MICHEL FOUCAULT:

Nos livros *Segurança, território, população. e Nascimento da Biopolítica* Michel Foucault esboça o seu entendimento sobre o neoliberalismo. No entanto, antes de o fazer, ele nos fala da necessidade de se compreender primeiramente o que se entende como sendo liberalismo. Para esse explicação ele remonta até as origens do liberalismo junto à Razão de Estado.

Para definir a Razão de Estado em uma frase pode-se dizer que é o princípio de “Governar racionalmente porque há um Estado e para que haja um Estado.” (FOUCAULT, 2008c, p. 386). O que difere bastante da forma de pensar da Idade Média em que o governante tinha de governar observando às leis morais, naturais e divinas. Com a razão de Estado o objetivo é garantir o bom funcionamento do Estado, governar de um modo que o Estado possa alcançar o máximo de sua força.

A razão de Estado vai se apoiar sobre alguns aspectos principais, o principal deles é o mercantilismo. Esse último não é entendido apenas como uma doutrina econômica, mas como uma forma de organização da produção e dos circuitos comerciais e que se pauta sobre três princípios: 1) o Estado deve se tornar cada vez mais rico através da acumulação monetária, para alcançar esse objetivo deve levar em conta os outros dois aspectos que o autor destaca em seguida; 2) O Estado deve utilizar-se do crescimento de sua população para enriquecer-se, o que estaria enquadrado como uma das características do chamado estado de polícia; 3) O Estado deve estar em uma permanente concorrência frente aos outros Estados, o que foi denominado como balança europeia.

Os dois últimos aspectos possuem funcionamentos que são opostos entre si e que apesar de interligados ao mercantilismo não se encontram limitados por ele. Enquanto o estado de polícia concede poderes praticamente ilimitados, a balança europeia busca um controle do poder entre os diferentes Estados. A balança vai se materializar principalmente a partir do Tratado de Vestfália, concedendo um poder limitado à cada Estado, já que ao buscar acabar com o ideário de um estado universalizante determinava que os Estados deveriam estar em um nível de poder semelhante para possibilitar o equilíbrio entre eles. Já o estado de polícia sendo o poder de regulação que o Estado tem dentro dos seus domínios, o que hoje poderia se chamar de gestão interna, concede ao governo um poder de regulamentação praticamente ilimitado sobre o país.

Apesar de o estado de Polícia ter objetivos ilimitados existem mecanismos de limitação desse poder; Foucault (2008b, 2008c) diz que esses mecanismos eram as leis, portando o limitador seria o direito em si. Era uma limitação que, seja pelo fato de que existem direitos naturais e/ou originários ou pelo fato de que existiria um contrato social a ser seguido, estava fundamentada em questões anteriores à razão de Estado e ao próprio Estado, por isso o direito é considerado um limitador externo à razão de Estado. O fato de ser uma limitação externa gerou muitos problemas, a ponto de em alguns momentos deslegitimar essa forma de limitação. O direito havia se desenvolvido junto com a razão de Estado legitimando-a, e nesse momento passa a ser utilizado como contraponto ao Estado quando busca limitá-lo.

Foucault (2008b, 2008c) acrescenta que a partir do século XVIII surge uma nova forma de limitação do poder do Estado. Essa nova limitação não é mais exterior à Razão de Estado, surge a partir dela e também vai objetivar o enriquecimento do Estado, também vai pressupor o papel do Estado no controle interno, e também vai desejar que exista um certo equilíbrio de poderes entre os Estado. Portanto não vai divergir da razão de Estado, e apesar de diferir do direito:

É uma limitação que é sempre e apesar de tudo uma limitação jurídica, pois o problema está precisamente em saber como, no regime da nova razão governamental, dessa razão governamental autolimitada, essa limitação pode ser formulada em termos de direito. (FOUCAULT, 2008b, p.51-52)

Com essa nova forma de limitação do Estado não existe mais a limitação operada pelo direito, mas é uma limitação do próprio jogo do mercado. Essa nova forma de limitação é o que Foucault (2008b, 2008c) vai designar como liberalismo. Ele diz que são três as principais características dessa nova arte liberal de governar.

O primeiro aspecto que vai caracterizar o neoliberalismo é o problema da verdade econômica e da verificação do mercado: o fato de que o mercado seria o espaço onde se produz a verdade econômica, onde através da concorrência se encontra a melhor maneira (preços, custos) para se realizar o comércio, por isso o governo deveria estar integrado ao mercado de forma que esse último possa validar as ações do primeiro.

A segunda característica é o problema da limitação da governamentalidade pelo cálculo de utilidade: a limitação de onde se podia atuar e o espaço onde não se podia atuar não vai mais ser determinada por algum direito anterior à razão de Estado. A partir de agora a questão vai se dar através do cálculo das “consequências” para dizer se essa atuação é útil e deve ser realizada ou não.

E por fim temos a questão dos equilíbrios internacionais. Com a razão de Estado simplesmente o que existia no que concerne às relações internacionais era o entendimento de equilíbrio do poder. Agora o conceito que se tem sobre essas relações é o de crescimento coletivo, ou se encontra mecanismos para que toda a Europa enriqueça ou então toda a Europa será pobre.

Assim pode-se dizer que o liberalismo surgiu para ocupar um lugar vago de limitação do Estado, abrindo espaço para que a economia de mercado pudesse se desenvolver plenamente. O que ocorre com o neoliberalismo é bastante diferente pois ele não tem de procurar um espaço de atuação em meio ao Estado, mas agora ele surge como o próprio legitimador do Estado.

O liberalismo foi construído como uma teoria econômica enquanto que o neoliberalismo é construído enquanto governamentalidade neoliberal. Governamentalidade entendida como:

[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por

instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. (FOUCAULT, 2008c, p.143-144)

O neoliberalismo vai ser então a construção de uma teoria cuja centralidade passa não apenas pelas questões econômicas, mas que vai se centrar nas questões políticas. O Estado e a governamentalidade neoliberal não são considerados dois entes separados pois um forma o outro; o problema que se coloca para o neoliberalismo é o de achar uma maneira de ser, ao mesmo tempo, o legitimador e o limitador do Estado, é o de encontrar um modo de decalcar nessa arte de governar os princípios da economia de mercado.

2.3. A ORDEM NEOLIBERAL PARA DARDOT E LAVAL:

Pierre Dardot e Christian Laval (2016) também buscam se ocupar da gênese e implementação do neoliberalismo. Os dois autores falam que o liberalismo encontra-se em um momento de crise no período de 1880-1930, essa crise deveu-se ao fato de que o liberalismo não conseguia operar de fato as ideias que havia proposto. O que era ocasionado pelo fato de que aprofundamento do *laissez-faire* levou à emergência de muitos problemas sociais, observando-se que apenas a sua adoção era suficiente para responder às demandas da sociedade. Duas correntes principais vão buscar dar respostas à esse problema, a primeira o novo liberalismo e a segunda o neoliberalismo.

O novo liberalismo tem o seu maior desenvolvimento através de Keynes e se baseia em dois pontos principais: 1) que o Estado deve ir além dos limites impostos pelo *laissez-faire* para garantir os benefícios gerados pelo liberalismo; 2) a defesa do direito coletivo frente aos direitos individuais, o entendimento de que a livre concorrência não é capaz de por si só garantir o direito de todos os sujeitos, por isso o Estado deve intervir através da restrição dos direitos individuais, para garantir que todos os sujeitos possam exercer seus direitos.

O neoliberalismo surge cronologicamente um pouco depois do novo liberalismo e vai compartilhar com ele a primeira de suas noções (a de que o Estado deve ir além dos limites impostos pelo *laissez-faire* para garantir os benefícios gerados pelo liberalismo), no entanto vai entrar em discordância quanto ao segundo aspecto. Para o neoliberalismo não se deve intervir nos direitos individuais, pois eles serão construídos através da concorrência de mercado; a intervenção do Estado deve existir com o objetivo de garantir que o sistema de concorrência possa funcionar plenamente.

A centralização na ideia da concorrência que existe dentro das ideias neoliberais tem uma grande influência das ideias evolucionistas de Spencer. Antes dele o que existia no liberalismo era a ideia de que todos que estiverem dentro do jogo econômico devem ganhar, com a absorção das ideias evolucionistas o entendimento que vai se ter é de que o mercado não existe para maximizar os ganhos de todos, mas para separar os mais aptos e os menos aptos, eliminando esse último grupo.

Os autores defendem que o neoliberalismo nasce a partir do Colóquio Lippmann em 1938, diferente Harvey (2008) que defende que esse nascimento ocorre com a criação da Sociedade Mont-Pèlerin em 1947, para eles a criação da Sociedade Mont-Pèlerin é uma continuação do desenvolvimento iniciado no Colóquio. Dardot e Laval acrescentam que posteriormente o neoliberalismo vai se dividir em duas correntes principais: o ordoliberalismo alemão, e a corrente austro-americana. Apesar de já poder se observar às discordâncias que viriam a tomar força posteriormente, durante o colóquio existiu entre as duas correntes uma articulação das ideias discordantes.

Quanto ao ordoliberalismo alemão os autores relatam que ele surgiu nos anos 1930, a partir da convergência de ideias de autores como Walter Eucken, Franz Böhm e Hans Grossmann-Doerth. Se impondo na República Federal da Alemanha após a guerra. O termo ordoliberalismo busca destacar a importância que a 'ordem' das leis e dos procedimentos possui na construção da sociedade e da economia de mercado para esses autores.

O ordoliberalismo fornece as bases para a reconstrução do Estado Alemão no pós-guerra. Segundo os autores isso vai significar duas coisas, uma negativa e

outra positiva. A negativa é a análise feita pelo ordoliberalismo do nazismo apenas como a consequência da exacerbação do poder do Estado, não permitindo um aprofundamento desse entendimento; e o ponto positivo é a fundação do estado a partir do mercado.

A 'ordem' buscada pelos ordoliberais tem de ser: 1) economicamente eficaz e 2) ainda assim deve conseguir respeitar a dimensão moral dos homens. Segundo os ordoliberais isso se alcança na economia de mercado, pois:

é a única forma suscetível de superar a escassez de bens (primeiro critério, ou critério da "capacidade de funcionamento") e, ao mesmo tempo, deixar os indivíduos livres para conduzir a própria vida como bem entendem (segundo critério, ou critério da "dignidade do homem") (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 111)

Apesar de ressaltar o papel do mercado os ordoliberais não possuem aversão às intervenções do Estado, como os autores da corrente austro-americana, mas buscam fazer uma distinção entre as boas e as más ações do Estado.

Alguns autores do ordoliberalismo dão maior ênfase às questões de desintegração social dos indivíduos. Röpke é um desses autores, ele acredita que o processo de proletarização da população gera uma desintegração dos indivíduos diluídos na massa. O autor defende que a solução para isso é que cada indivíduo esteja inserido em uma pequena empresa, pois ele só pode ser livre sendo proprietário. Essa visão representada por Röpke busca uma via alternativa frente ao puro *laissez-faire* que degenera, e também frente ao Estado forte e provedor de tudo que acaba por sufocar os indivíduos não os permitindo escolher verdadeiramente.

Os autores falam que o ordoliberalismo não foi em si homogêneo, podendo ser dividido em duas vertentes principais: uma voltada mais para questões do crescimento econômico representada por autores como Eucken; e outra mais voltada para questões da desintegração social dos indivíduos dentro de uma sociedade de mercado representada por autores como Röpke. Apesar da existência dessa distinção os autores falam que de um modo geral as principais contribuições do ordoliberalismo foram duas:

Em primeiro lugar, a promoção da concorrência a uma norma cujo intuito é orientar uma "política de ordenação" [...] Em segundo lugar, a atribuição de um objeto absolutamente específico à ação política, a saber, a "sociedade"

até em sua trama mais fina e, portanto, o indivíduo como foco do governo de si mesmo e ponto de apoio do governo de conduta. (DARDOT e LAVAL, p. 132, 2016)

Além do ordoliberalismo existe também a corrente neoliberal austro-americana. Dentro dessa corrente existe a forte presença dos que não admitem a intervenção do Estado, entre eles Von Mises. Para ele não existe meio termo entre um Estado que intervém em tudo e um completo *laissez-faire*, como defende Röpke, é um ou o outro. Von Mises vai escolher a segunda opção, optando por defender a ausência de intervenção do Estado. A defesa do mercado se dá pelo fato de que:

O mercado é concebido, portanto, como um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo autoeducador e autodisciplinador, pelo qual o indivíduo aprende a se conduzir. o processo de mercado constrói seu próprio sujeito. Ele é *autoconstrutivo*. (DARDOT e LAVAL, p. 140, 2016)

Portanto existe a oposição entre um Estado interventor, que impossibilita a liberdade dos seus cidadãos, e um Estado pautado completamente pelo *laissez-faire* que se abstém de intervir. A escolha se faz por esse último por entender-se que é o único em que os sujeitos possuem liberdade, na medida em que estão inseridos no mercado, local onde podem usar sem limites a sua criatividade para a realização dos seus desejos.

Segundo Von Mises o erro do dirigismo foi justamente não ter entendido que o único apropriado para fazer as escolhas é o próprio sujeito, que vai escolher a melhor alternativa a partir das informações que possui. Por isso o empreendedorismo é visto como um modo ideal de vida, pois a partir dele o indivíduo pode simplesmente escolher todo o caminho a ser seguido.

No contexto pós-guerra o principal autor que emerge nas discussões sobre o neoliberalismo é Hayek. Ele compartilha com os ordoliberais a visão de que o importante não é entender se o Estado deve ou não agir, mas o primordial é encontrar a forma apropriada para a intervenção do Estado.

Uma importante contribuição de Hayek é a inclusão na discussão do entendimento de que existiria um nível intermediário entre o que é artificial e o que é natural. O artificial é entendido como aquilo gerado diretamente de uma vontade humana, e o natural como o que independe da vontade humana. O nível

intermediário é o das coisas que independem da vontade humana, mas que ainda assim são frutos da ação humana.

O mercado não seria nem artificial nem natural, mas estaria situado nesse nível intermediário entre os dois. Isso explica o fato de o mercado ser o local de construção da liberdade, pois ao não depender da vontade humana ele não poderia ser a realização do desejo de alguns poucos sobre os outros, sendo o mercado o reino do direito privado. Já o que se encontra no âmbito do direito público é tido como artificial, é gerado a partir da vontade arbitrária de alguns poucos e por isso supressor da liberdade. Hayek defende uma sociedade de direito privado em que o Estado submete a sua ação às regras do direito privado, agindo como um ente como qualquer outro no jogo concorrencial do mercado.

Nos anos 80 viu-se, particularmente nos Estados Unidos com Reagan e no Reino Unido com Thatcher, a adoção massiva dessas ideias neoliberais, o que não significou de nenhum modo a diminuição ou extinção das intervenções do Estado, mas sim uma reorientação do papel que o Estado iria exercer. Nesse processo pode-se observar quatro aspectos: 1) o apoio entre as políticas neoliberais e as mudanças do capitalismo, 2) as grandes críticas ao estado de bem-estar, 3) a absorção pelos indivíduos de uma lógica concorrencial, 4) a consolidação da racionalidade neoliberal, de um modo que busca inviabilizar a adoção de caminhos alternativos.

As crises vistas a partir dos anos 60 foram entendidas como o esgotamento das políticas de bem-estar, desse modo tinha-se a necessidade de acabar com essa políticas; como por exemplo a desregulação das moedas que havia sido estabelecida no pós guerra. O fim das políticas do Welfare State cumpriria uma dupla função, primeiro a de aliviar o Estado que estaria extremamente sobrecarregado e, segundo, a de tornar as condições mais atraentes para o jogo da concorrência internacional.

Isso ocorre concomitantemente à financeirização do mercado. A liberação do câmbio, a privatização do setor bancário e a abertura dos mercados financeiros que vão ser fundamentais nesse processo de 'aliviar' o Estado. Baseados na necessidade de financiamento da dívida pública, e na crença na superioridade da concorrência entre os atores financeiros na administração do crédito, esse processo

de financeirização vai levar o Estado a se tornar uma instituição financeira. Uma instituição que, apesar de entrar no jogo junto com as outras, não tem o mesmo papel que elas, pois atua como a instituição de última instância, que no momento necessário garantirá a sobrevivência do jogo. Com isso delinea-se o primeiro aspecto observado no processo de neoliberalização, o apoio entre políticas neoliberais e as mudanças do capitalismo.

O segundo aspecto é justamente o ideológico, que engloba as críticas massivas realizadas ao estado de bem-estar. Tais críticas punham em dúvida todas as políticas realizadas pelo Estado desde o século XIX, e buscaram caracterizar o Estado como a fonte dos males enfrentados. Críticas que sustentavam que a solução seria encontrada através da concorrência do mercado.

Essas críticas, que desde muito vinham sendo proferidas, ganham legitimidade nesse período. Podendo parte de seu sucesso ser explicada pelo fato de que naquele momento a esquerda encontrava-se enfraquecida e não se visualizava mais nenhuma alternativa ao capitalismo. Elas encontraram fundamento na idéia de que as intervenções do Estado como vinham ocorrendo tinham como consequência a desmoralização os indivíduos, pois os fazia perder o seu senso de responsabilidade e a contribuir cada vez menos para o funcionamento da sociedade e do capitalismo.

A defesa desse tipo de ideologia não seria suficiente para instaurar às ideias neoliberais, para isso existiam também múltiplos dispositivos que visavam disciplinar os indivíduos, esse é justamente o terceiro aspecto destacado. A disciplina é tida como a técnica de governo própria das sociedade de mercado e vai ser entendida “[...] como um conjunto de técnicas de estruturação do campo de ação que variam conforme a situação em que se encontra o indivíduo.” (Dardot e Laval, 2016, p. 216). Significa dizer que a disciplina atua não somente através das punições, que buscam desencorajar os indivíduos a realizar determinadas ações, mas também através da recompensa, para incentivar o desejo, e da substituição do objeto, para desviar o desejo.

A disciplina neoliberal apresenta três aspectos principais, primeiro a necessidade de existir a segurança dos contratos e o estabelecimento de um quadro estável; segundo fazendo os indivíduos se sentirem obrigados a “escolher” a

situação de mercado que no entanto é imposta como a única realidade exequível, e terceiro atuando com um sistema de estímulos e desestímulos aos indivíduos nas áreas em que não se consegue simplesmente obrigá-los.

A racionalidade que vai se impor difere da do welfare state, que buscava garantir o acesso de todos aos direitos considerados fundamentais, e caracteriza-se por considerar que os sujeitos devem por si só realizar cálculos para orientar as suas escolhas. O acesso ou não a determinados benefícios é visto como sendo resultado apenas de suas escolhas pessoais, de modo que o não acesso a algo é culpa unicamente dos sujeitos. A questão da racionalidade vai ser justamente o quarto ponto apontado pelos autores.

O sucesso dessa racionalidade se deu não apenas pela adesão dos grupos de direita, mas também pelo fato de que a esquerda passou a adotar cada vez mais aspectos dessa racionalidade. A esquerda não buscou absorver o neoliberalismo, entendendo-o simplesmente como um retorno ao *laissez-faire* e busca se afastar disso. No entanto o neoliberalismo não é um simples retorno ao *laissez-faire* e a esquerda acaba absorvendo aspectos dele como, por exemplo, a defesa de que o custo do trabalho é excessivamente alto, a prática de altos gastos públicos (que está bem distanciado do *laissez-faire*, mas não do neoliberalismo), a primazia dos direitos sobre as obrigações e a confiança excessiva na gestão da economia pelo governo.

Segundo os autores a esquerda busca muito mais construir um quadro que permita aos indivíduos concorrerem de modo mais eficaz do que criticar essa lógica concorrencial hegemônica. Desse modo a racionalidade neoliberal acaba por apagar muitas das diferenças de ideias existentes no jogo político fazendo com que independente do grupo que alcance hegemonia ele está sempre baseado na racionalidade neoliberal.

A integração europeia em muitos momentos é vista como um processo que vai de encontro à neoliberalização vivida nos Estados Unidos e no Reino Unido a partir dos anos 1970-80, no entanto está bem longe de o ser. O processo de integração europeia é anterior a este processo de neoliberalização e é fruto da consolidação das ideias ordoliberais. Ainda que essas ideias tenham se conciliado com os diferentes pensamentos presentes em cada região, vão ser eles que prevalecem

cada vez mais. Pode-se ver os ideais ordoliberais presentes nesse processo através da constitucionalização da ordem liberal, na aplicação de uma política de concorrência em todos os níveis e na autonomia do Banco Central Europeu.

Como já foi apontado a adoção do neoliberalismo não significou o afastamento do Estado, que defende e incentiva a concorrência e vai ver essa lógica concorrencial sendo absorvida em todos os setores da administração pública. Um processo que levou a transferência de muitos aspectos da regulação e da fiscalização para setores do próprio mercado, o que abriu espaço para muitas práticas altamente arriscadas como as que levaram à crise de 2008.

Essa diminuição do papel regulador do Estado não veio a significar uma diminuição de sua importância, o que ocorre é que o Estado não vai mais estar lá para assegurar o bem-estar de seus cidadãos, mas para assegurar o bem-estar do mercado; atuando como um verdadeiro motor de transferência de renda dos mais pobres para os mais ricos. As funções que antes cabiam ao Estado, como organização política, econômica, cultural e social são delegados ao mercado.

Essa mudança no papel do Estado se fundamenta na defesa da ideia de que os serviços oferecidos pelo Estado serão sempre mais custosos do que se forem ofertados pelo mercado. O que demonstra a visão que se tem da ação pública, o Estado é entendido como mais um jogador, tido como igual a qualquer outro dentro do jogo concorrencial do mercado, não sendo mais entendido como instituição que atua de modo diferenciado do resto do mercado por ter deveres específicos a cumprir.

Esse processo descrito pelos autores leva à criação de um novo sujeito, a figura do homem-empresa ou do sujeito empresarial. Um sujeito que se caracteriza por ser orientado pelo cálculo, buscando sempre maximizar os seus ganhos agindo a partir de uma lógica concorrencial; um sujeito que se constitui como empresa de si mesmo.

Esse sujeito que é empresa de si constrói-se a partir de técnicas como o *coaching*, a programação neurolinguística (PNL), a análise transacional (AT) e muitas outras que buscam levar o indivíduo a um suposto melhor domínio de si mesmo. Todas essas técnicas possuem dois aspectos em comum, o primeiro é o de se utilizar de saberes psicológicos, com um léxico especial, autores de referência,

metodologias particulares, modos de argumentação empírica e racional. O segundo ponto em comum é que essas técnicas possuem alguns princípios básicos que podem ser operados de qualquer lugar, seja dentro ou fora de uma empresa. Essas técnicas acabam por jogar todo o peso da complexidade e da competição sobre os indivíduos.

3. DISCURSO NEOLIBERAL E EMPREENDEDORISMO:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

(FOUCAULT, 1999, p. 8-9)

Por um lado, o controle e o governo das condutas dos indivíduos dão-se cada vez mais por intermédio de um empresariamento da sociedade; por outro, o empresariamento das subjetividades e das relações sociais constitui como que a via privilegiada para o controle e o governo das condutas. Assim, em termos amplos, podemos pensar o governo das infâncias em nosso presente como estando estreitamente relacionado ao empresariamento da sociedade, da educação e dos demais processos implicados à produção de subjetividades infantis (modos de construção do que seria “ser criança”).

(GADELHA, 2013, p. 218)

O capítulo buscará demonstrar o motivo de entendermos o neoliberalismo como um discurso, expondo também a maneira como pode-se observá-lo. Além do que buscará também se aprofundar sobre a questão do empreendedorismo. Para cumprir essa missão o capítulo encontra-se dividido em duas partes: na primeira parte busca-se explicar o que se entende por um discurso, utilizando-se para isso do conceito de formação discursiva de Foucault (2008a); a partir da conceituação de discurso apresentada e as discussões do capítulo anterior sobre o neoliberalismo, fala-se porque o neoliberalismo deve ser entendido como um discurso. Na segunda parte será trabalhado mais de perto com o empreendedorismo, buscando expor sua relação com a teoria do capital humano, destacando como ele se relaciona com as discussões sobre a educação e a infância.

3.1. NEOLIBERALISMO COMO DISCURSO:

Enquanto racionalidade dominante salientamos que o neoliberalismo se constrói como sendo um discurso. Foucault (2008a) nos fala que os discursos não existem por si só, mas se apresentam como formações discursivas.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se

puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 2008a, p. 43).

Pode-se a partir dessa definição destacar quatro pontos que seriam então fundamentais para a existência de uma formação discursiva: 1) objetos, 2) tipos de enunciação, 3) conceitos, 4) escolhas temáticas. É preciso então especificar em que consiste cada um desses pontos.

Quanto à questão dos objetos não significa dizer que em uma formação discursiva estará se tratando de enunciados que se dirigem aos mesmos conjuntos de objetos, mas sim que os enunciados para fazerem parte de uma mesma formação precisam ter com os objetos dos quais tratam uma relação similar. Significa dizer que dentro de uma formação discursiva não se tem sempre os mesmos objetos, ou um mesmo domínio que os objetos formem, ou uma mesma forma que os objetos surjam, ou objetos com características similares, tudo isso pode variar e não implica dizer que estaremos falando de formações discursivas diferentes. O que vai caracterizar uma formação discursiva no que diz respeito aos objetos é o fato de que exista uma relação entre as superfícies em que os objetos podem aparecer, podem ser delimitados, analisados e especificados.

No que diz respeito aos tipos de enunciação algo semelhante pode ser delineado. O que vai definir se os diferentes enunciados fazem parte de um mesmo sistema de formação discursiva não é o fato de que esses enunciados nas suas variadas enunciações tenham um mesmo estilo, sejam todos do tipo descritivo, ou comparativo por exemplo. O que vai definir o papel dos tipos de enunciação é que esses, mesmo sendo diferentes, possam ter relações estabelecidas entre si. Apesar das várias discontinuidades que existem entre as diferentes enunciações, e também das discontinuidades que existem no próprio sujeito enunciante, poderá se averiguar ainda assim uma continuidade.

Quanto aos conceitos, da mesma maneira que aos aspectos anteriores, não significa dizer que dentro de um mesmo sistema de formação discursiva todos os enunciados aí presentes vão tratar dos mesmos conceitos. É possível que existam grupos de conceitos que embora discordantes podem fazer parte de um mesmo

sistema de formação, para tanto é necessário que nos enunciados esteja presente a especificidade com que os diversos elementos vão estar relacionados.

Quanto aos temas podemos dizer que dentro de uma mesma formação discursiva podem haver diversos e divergentes temas, pois não é a formação discursiva que vai determinar a escolha desses temas, mas sim o contexto histórico, social etc. O que vai ocorrer é que dentro de um mesmo conjunto de formação discursiva os diversos temas se relacionem com os enunciados de forma semelhante. O aspecto que buscamos delinear com essas últimas colocações é que:

Uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam; em outros termos, se se puder mostrar como todas derivam (malgrado sua diversidade por vezes extrema, malgrado sua dispersão no tempo) de um mesmo jogo de relações. (FOUCAULT, 2008a, p. 76)

Busca-se destacar então que a característica primordial de um sistema de formação discursiva é o fato de que os aspectos formadores dele, quer tomemos os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas quer tomemos os próprios enunciados, estão ligados entre si por um mesmo jogo de relações, relações essas que permitem que esses elementos modifiquem-se, aproximem-se, ditanciem-se.

Enquanto síntese dos pressupostos e dos valores básicos da sociedade liberal moderna o neoliberalismo produz um tipo de relação própria com os seus objetos, com as enunciações realizadas a partir dele, com os conceitos e temas que o abarcam. Essa relação específica é justamente a de que fala Foucault (2008.a), como tal o neoliberalismo se organiza como uma formação discursiva.

Como foi dito uma formação discursiva se caracteriza por ter com seus objetos, enunciações, conceitos e temas um mesmo tipo de relação. O neoliberalismo opera construindo um jogo de relações a partir da busca pelos princípios fundamentais da liberdade e da dignidade humana. Sendo considerados os valores centrais, os direitos fundamentais é função do Estado permitir o desenvolvimento deles.

O neoliberalismo se caracteriza como uma formação discursiva operando com todos os seus elementos uma relação de liberdade em que o controle é

exercido sem a utilização mais explícita do Estado. Aqui não temos a presença explícita da questão da repressão, um aspecto bastante presente em outras definições de poder. Ele se manifesta de uma forma sutil, se revelando como a solução dos problemas, e assim vai se consolidando.

O discurso vai se manifestar de diferentes maneiras, Foucault (2008a) define que uma formação discursiva é formada pelos enunciados. O que são então os enunciados? Para o autor os enunciados não possuem em si próprios uma unidade que possa ser determinada e analisada, pois o enunciado “[...] não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.” (FOUCAULT, 2008a, p. 98).

O enunciado pode então ser entendido como a concretude, a materialização do discurso. E enquanto tal não existe por si só mas como função enunciativa, para poder exercer sua função enunciativa, o que significa dizer para poder existir, o enunciado precisa ter quatro aspectos: 1) um referencial, 2) um sujeito enunciante, 3) um domínio próprio e 4) uma materialidade.

O referencial para o enunciado é o contexto sobre o qual ele se desenvolve. Esse referencial vai formar portanto o espaço no qual o enunciado emerge, determinando também as condições em que o enunciado aparece. Sendo assim é a partir do conhecimento do referencial que pode-se delimitar o enunciado e determinar se esse último é válido ou não.

O sujeito enunciante não se refere a um indivíduo específico que profere determinado enunciado, mas às condições que um sujeito precisa possuir para poder realizar determinada enunciação. Desse modo o sujeito enunciante não é um posto desde já determinado ele vai variar conforme o enunciado que será proferido. Por isso também um mesmo indivíduo pode exercer diferentes postos de sujeito enunciante. Desse modo para descrever determinada formulação como um enunciado precisa-se também dizer quais são as características necessárias para ser sujeito desse enunciado.

O domínio próprio do enunciado seria o que está a sua margem, isto é os outros enunciados que estão a sua volta. Esse enunciados não seriam exatamente o contexto, pois o domínio não é a partir do que o enunciado se forma, mas sim o

próprio formador do enunciado, não existe enunciado sem que ele tenha o seu domínio próprio.

Já a materialidade se refere ao fato de que para existir um enunciado precisa ter existência material, aqui não necessariamente no sentido físico do termo, mas falando da materialidade a partir da qual esse enunciado foi proferido. Para existir um enunciado precisa ter sido produzido e/ou reproduzido de alguma forma, seja através da fala, da escrita ou de algum outro modo. Essa materialidade é então formadora desse enunciado, pois modificando-se a materialidade modifica-se também o enunciado. Não significa dizer que um enunciado só pode ser proferido uma vez, pois um mesmo enunciado pode comportar inúmeras enunciações. A enunciação seria a singularidade própria que existe cada vez que uma proposição é proferida. Os vários exemplares de um livro seriam as várias enunciações dele. Mas esse aspecto não significa dizer que uma mesma enunciação será sempre parte do mesmo enunciado, isto é uma proposição igual pode fazer parte de dois enunciados diferentes a depender da materialidade em que se encontre.

Será observado a partir de uma das várias enunciações que o neoliberalismo produz, a defesa ao empreendedorismo. Enquanto tal essa defesa busca abarcar todos os indivíduos, independente de suas diferentes características. O enunciado que será utilizado para análise é o da infância empreendedora.

Esse enunciado se produz tomando como referencial o neoliberalismo, já que esse último é o discurso que abarca a realidade unificando ela de tal forma que fornece uma compreensão de ordem, de objetividade, e que nega qualquer coisa que não seja semelhante a ele.

Os sujeitos enunciadores que se apresentam são os jornalistas e especialistas que tratam sobre o tema tomando como referência o empreendedorismo e a importância de seu ensino, de sua prática desde a mais tenra idade, ou seja a infância.

O domínio próprio da enunciação é formado pelas outras enunciações que lhe são complementares. Dentre as quais podemos destacar a enunciação sobre o empreendedorismo, que aponta para uma forte responsabilização dos indivíduos; e também as enunciações que buscam ocupar-se sobre a infância. Essas

enunciações se conectam para abordar o valor do empreendedorismo desde a infância.

A materialidade da enunciação de uma infância empreendedora que é analisada aqui, é formada pelos jornais e revistas a partir dos quais se produz e se reproduz essas ideias.

O neoliberalismo é entendido como o discurso, a racionalidade dominante, e enquanto tal pressupõe definir todos os aspectos da vida dos sujeitos. Desse modo ele precisa criar os meios para se produzir e se reproduzir no seio da sociedade. A esse respeito, Althusser (1996) numa outra perspectiva, mas refletindo sobre questões próximas, destaca que a reprodução do pensamento dominante em uma dada sociedade ocorre através dos Aparelhos de Estado.

Os Aparelhos de Estado são os mecanismos utilizados pelo Estado para cumprir a sua função de controle. Eles podem ser de dois tipos: o Aparelho (Repressivo) de Estado e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs). O primeiro é entendido como o Aparelho no qual modo dominante de operar é através da violência, da repressão. O que não significa uma ausência do plano ideológico, mas que aqui ele vai exercer um papel coadjuvante. Já nos AIEs a dominação ocorre majoritariamente através do uso da ideologia, com a repressão tendo um papel subalterno. O autor evidencia que existem diferentes tipos de AIEs: o AIE religioso, o AIE escolar, o AIE familiar, o AIE jurídico, o AIE político, o AIE sindical, o AIE da informação, e o AIE cultural.

Pode-se observar com isso que enquanto o Aparelho Repressivo de Estado é um todo unificado os AIEs são diversos, e em sua maioria encontram-se no domínio do que é entendido como privado. Um fato que não modifica a importância que esses aparelhos possuem, pois o que será determinante será a forma como operam esses aparelhos. Apesar da diversidade dos AIEs existe algo que os une e isso é o seu modo de funcionar que opera através de uma mesma base, que seria a ideologia dominante.

O conteúdo apresentado por Althusser (1996) busca demonstrar como se reproduzem as questões ideológicas. Trata-se de um fenômeno sobre uma problemática parecida que se aproxima do que trabalhamos aqui. Já que aqui estamos operando com relação ao discurso tal como foi indicado anteriormente

3.2. DISCURSO NEOLIBERAL E EMPREENDEDORISMO:

Na presente seção será trabalhada sobre a questão do empreendedorismo. Essa seção encontra-se dividida em três subseções: na primeira trabalha-se com Sylvio Costa (2009) que desenvolve uma explicação para o empreendedorismo a partir da Teoria do Capital Humano; na segunda são apresentadas as ideias de Marival Coan (2011) que defende que a questão do empreendedorismo e da educação para o empreendedorismo apresenta diversas bases, entendendo a Teoria do Capital Humano como uma delas; na última parte trata-se do empreendedorismo associado com as discussões sobre a infância, para tanto serão utilizados dois artigos que falam sobre o tema. O texto de Casaqui, Matijewitsch e Figueiredo (2019) e o texto de Gadelha (2013).

3.2.1. Capital Humano e Empreendedorismo:

O artigo *Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo* (Costa, 2009) inicia retomando Foucault em *Segurança, território e população* e em *O nascimento da Biopolítica* para tratar de questões referentes ao neoliberalismo. Atento à distinção presente em Foucault entre ordoliberalismo alemão e neoliberalismo norte-americano; o autor observa que, a partir dos anos 60, a vertente norte-americana vai buscar explicar relações e/ou fenômenos sociais não considerados como genuinamente econômicos, se baseando na compreensão do funcionamento e da dinâmica da economia de mercado. O principal representante desse desenvolvimento vai ser a teoria do Capital Humano elaborada no seio da Escola de Chicago.

A Escola de Chicago vai surgir em meados dos anos 50 tendo como líder o professor Theodore Schultz. O capital humano é compreendido como o conjunto de capacidades, habilidades, destrezas e aptidões dos indivíduos que adquire valor de mercado e se apresenta como forma de capital. Junto com essa conceituação pode-se observar que a Escola de Chicago toma a categoria trabalho de modo

diferente ao da economia clássica; não vai pensar o trabalho de forma abstrata, nem vai pensar o trabalho através de sua inserção nos mecanismos de produção, de troca e dos fatos de consumo no interior de determinada estrutura social. O trabalho vai ser pensado a partir do ponto de vista do trabalhador enquanto fruto da utilização por cada indivíduo dos recursos que estão disponíveis para eles.

Nesse sentido o principal objeto de análise vai estar no comportamento humano. É necessário entender não apenas em que consiste esse capital humano, mas também em como ele é produzido, em como cada indivíduo consegue adquirir esse capital. Por isso a questão da educação vai ocupar um local de destaque nesse modo de pensamento, ela é vista agora como um investimento, e não mais como gasto, que visa garantir o aperfeiçoamento do capital humano para possibilitar uma melhor posição no jogo do mercado.

O entendimento de trabalho defendido por essa linha de pensamento impulsiona o surgimento dentro dos círculos empresariais, e depois se disseminando por toda a sociedade com reverberações no campo educacional, daquilo que o autor chama de *cultura do empreendedorismo*. Essa noção é definida pelo autor como a tomada da figura do executivo como paradigma a ser seguido, o que está fundado no investimento constante e exclusivo da vontade na produção da riqueza abstrata.

A partir disso surge a ideia do indivíduo não mais como um trabalhador, mas como um empreendedor, e que não é tido nem como ativo e nem como passivo porém como um investidor. Empreendedor que se caracteriza por ser pró-ativo, inventivo, inovador, flexível, com senso de oportunidade e com grande capacidade de produzir mudanças. Essa compreensão surgida nas teorias econômicas, na administração e nas grandes corporações vai migrar para a área de educação acolhida por diversos setores, sejam eles progressistas ou liberais, públicos ou privados, governamentais ou não governamentais.

A difusão dessa compreensão visa não apenas tomar o empreendedorismo como uma visão de mundo, como um modo de ser, mas também fragmenta os indivíduos, cada um encontra-se isolado em sua realidade responsabilizando-se apenas por si mesmo. O que também corrobora um pensamento meritocrático, o

fomento a uma sociedade altamente hierarquizada em que o patamar de cada um seria definido pelo grau e qualidade do capital humano que acumularam.

3.2.2. Fundamentos da Educação para o Empreendedorismo:

Nesse momento apresentaremos algumas das ideias que Marival Coan apresenta em sua tese de doutorado intitulada *EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO: IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS, POLÍTICAS E PRÁTICAS*, submetida ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Diferente de Costa (2009) ele vai defender que os alicerces das ideias empreendedoras não se encontram apenas na Escola de Chicago.

Coan (2011) fala que existem duas correntes principais de autores que embasam as discussões existentes sobre a educação para o empreendedorismo. A primeira corrente é a de autores clássicos da economia que tomam a ideia de empreendedorismo articulada com as ideias de negócios e empresas. A segunda corrente seria a de autores advindos de áreas como administração, sociologia e psicologia que vão construir a ideia de empreendedorismo atrelada a questões comportamentais e atitudinais.

A corrente econômica é representada por Cantillon, Jean Baptiste Say, Schumpeter, Theodore William Schultz, Marx e Engels. Segundo o autor, Cantillon teria contribuído ao estabelecer os fundamentos do empreendedorismo, já que foi o primeiro a se dedicar ao papel desempenhado pelo que ele chama de “empresários”. Para ele o empresário, que pode ser entendido em termos de hoje como o empreendedor, é aquele que na realização de seus negócios assume riscos permanentes causados pelas mudanças de mercado com o objetivo de obter lucros.

Jean Baptiste Say, que é considerado como o pai do empreendedorismo, vai desenvolver suas ideias na esteira de Cantillon. Para ele o empresário era o agente do crescimento econômico. Seria aquele que utilizando-se das inovações advindas dos progressos técnicos e científicos consegue levar ao mercado produtos inovadores para satisfazer as necessidades dos indivíduos. O empreendedor seria

aquele que consegue mover os recursos econômicos de uma área de baixa para outra de maior produtividade e retorno.

Schumpeter vai buscar ressaltar a função social do empreendedor, sendo o mesmo fundamental no processo de inovação e produção de novas riquezas. O autor representa uma certa ruptura com os autores anteriores, pois para ele o empreendedor é aquele que através da análise dos recursos e da mão de obra disponíveis consegue agrupá-los de maneira ainda não utilizada visando a produção de coisas novas, sendo que os riscos estariam com os capitalistas que tem por função financiar as ideias dos empreendedores.

Quanto a Theodore William Schultz sua principal contribuição se estabelece com a emergência do conceito de capital educacional que vai subsidiar o desenvolvimento do conceito de capital cultural. Capital educacional relacionado diretamente com os investimentos realizados em educação, já que essa última tornaria as pessoas mais produtivas. A noção de capital cultural vai nascer ancorada justamente nessa ideia, defendendo que ao educar-se o trabalhador estaria realizando um investimento para valorizar a si próprio tornando sua força de trabalho mais preparada para atender as exigências do mercado. Através dessa noção de capital humano constrói-se a ideia de que cada trabalhador individual seria ele mesmo como uma microempresa não mais entendido como sendo um sujeito de direitos.

O autor trata também de Marx e Engels, porém os dois representam um ponto fora da curva dessa corrente, pois não são utilizados para embasar a ideia de educação empreendedora, mas são tomados justamente quando se procura tecer críticas à mesma. O principal ponto utilizado se refere à ideia do capitalista moderno como aquele que está sempre em busca da valorização do valor, que renuncia ao entesouramento em favor da acumulação. Além do que o capitalista é tomado não apenas como indivíduo, mas também como classe, a classe burguesa.

A segunda corrente que o autor designa é chamada de contemporânea com autores advindos dos campos da administração, sociologia e psicologia. Dentro dessa corrente Coan (2011) cita dois autores: Peter Ferdinand Drucker e David C. McClelland.

Peter Ferdinand Drucker é um autor do campo da administração que defende que os empreendedores são os “que desenvolvem a potencialidade inovadora e pela inovação exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio ou serviço diferente.” (COAN, 2011, p. 111) Para Drucker a inovação tem um papel central, ela é considerada a ferramenta própria dos empreendedores. A inovação é algo que poderia ser aprendido e ensinado; deveria se tornar uma disciplina para que através desse saber o empreendedor consiga compreender como e onde pode obter sucesso.

A inovação teria um papel importante pois é através dela que o empreendedor pode criar novos recursos de riqueza ou investir os recursos já existentes de forma que potencialize o ganho. Para obter sucesso o empreendedor precisaria inovar e depois administrar corretamente as questões envolvidas com os frutos da inovação, não expressando nenhuma interferência de fatores externos para o sucesso. O objetivo de Drucker é que se possa ter toda uma sociedade empreendedora, onde a inovação e o empreendedorismo se tornam coisas normais, difundidas e estáveis; uma sociedade que seria o fruto da aliança proveitosa entre empreendedores e administradores.

Já David C. McClelland defende que os empreendedores possuem características psicológicas próprias, diferentes das pessoas normais. Características como alta necessidade de realização, estilo de liderança, capacidade para identificar oportunidades, espírito de iniciativa, disposição para assumir riscos e lidar em ambientes de incerteza. Não significa dizer que todos os que possuam tais características serão empreendedores. Aqui também a inovação vai possuir um papel central para o comportamento empreendedor.

Segundo Coan (2011) esses são, com exceção a Marx e Engels, os principais autores que fundamentam as definições atualmente desenvolvidas de empreendedorismo, perfil empreendedor e educação para o empreendedorismo. O autor observa que dada a nova configuração socioeconômica do planeta busca-se soluções aos problemas enfrentados pelas sociedades, entre os quais o desemprego. Uma importante resposta tem vindo pela defesa do empreendedorismo, o que inclui a necessidade de ensino e aprendizagem dessa prática.

Diversos autores buscam defender a ideia de educação para o empreendedorismo, Coan (2011) faz uma pequena síntese de autores que tratam do tema. Ele relata que no Brasil o principal autor que embasa a educação empreendedora é Dolabela com a sua defesa da Pedagogia Empreendedora. A função dessa pedagogia seria de difundir em todos os ramos da sociedade a capacidade de estudar e identificar oportunidades a partir de um sonho estruturante. Nesse sentido Coan (2011, p. 232) afirma que “O perfil e características do empreendedor são a do homem destemido, pró-ativo e inovador, que enfrenta os desafios e vai em busca da realização dos seus sonhos.”

O autor afirma que apesar das diferenças existentes entre os que defendem uma educação para o empreendedorismo eles partem de um fundo teórico comum, como já foi delineado, além do que essas propostas se assentam também sobre uma análise de conjuntura comum que busca caracterizar as mudanças que ocorrem no mundo globalizado e que exigem um novo perfil de trabalhador, inovador e pró-ativo, sem no entanto abordar quais são as causas das mazelas desse mundo globalizado. Desse modo jogam para o indivíduo toda a culpa por seus infortúnios.

3.2.3. Infância e Empreendedorismo:

No texto *Empreendedorismo, infância e celebridades: análise dos discursos do empreendedorismo para crianças* (CASAQUI; MATIJEWITSCH; FIGUEIREDO, 2019) os autores iniciam falando que na sociedade contemporânea o empreendedorismo assume um espaço destacado, com maior relevância no mundo do trabalho, mas abarcando toda a sociedade sendo relacionado até com o período da infância. O objetivo de seu trabalho é justamente discutir como a cultura empreendedora tem influenciado à infância através da propagação na mídia de figuras de crianças, reais ou fictícias, que tem um perfil empreendedor e que por isso devem servir de modelo para a infância contemporânea. Para a realização do trabalho os autores selecionaram três recortes para serem analisados: dois exemplos de crianças empreendedoras que se tornaram famosos e uma personagem de história em quadrinhos.

As duas histórias reais trazidas pelos autores se tratam de duas celebridades infantis: primeiro a Kylee Majkowski, uma norte-americana que aos sete anos de idade fundou uma empresa de consultoria para ajudar outras crianças a desenvolverem suas características empreendedoras; e segundo o Davizinho Braga, alagoano que aos treze anos fundou uma startup que consiste em um site de internet para facilitar o acesso das famílias à lista de materiais, ao conectar em um mesmo espaço o acesso às listas e a possibilidade de compra.

Além dessas duas celebridades os autores trabalharam também com o HQ (história em quadrinhos) *Aventuras da Bel*, que conta uma pequena história em que a protagonista Bel Pesce e seus amigos estão perdidos na floresta e devem encontrar um caminho de volta, uma história em que as características que vão de encontro aos ideais empreendedores que cada personagem possui vão sendo corrigidas pela protagonista em seu papel de líder.

Os autores falam que os três pontos tomados para análise se unificam ao atuar de uma maneira parecida, ao trazer uma figura inspiradora, para defender a idéia do empreendedorismo associada à infância, ao colocar que:

O “modelo de conduta” (EHRENBERG, 2010) a ser seguido é representado pelo ethos do indivíduo empreendedor, reforçando a ideia do empreendedorismo de si como qualidade essencial para se alcançar o sucesso. Juntamente com o sucesso, a felicidade é vista como um projeto individual decorrente da capacidade de empreender a si mesmo desde a infância. (CASAQUI; MATIJEWITSCH; FIGUEIREDO, 2019, p. 102)

Com esse modelo de conduta em todos os três contextos observados ocorre uma defesa de um ideal empreendedor em que todos, independente de qualquer barreira externa existente, podem e devem ser empreendedores, incluindo nesse pacote as crianças.

O artigo *Empresariamento da sociedade e governo da infância pobre* (GADELHA, 2013) inicia com o autor dizendo que busca se distanciar de análises que buscam explicar a infância, pois segundo ele essas visões ignoram o fato de que não existe uma infância, mas sim infâncias. Gadelha defende que em nossas sociedades contemporâneas existem principalmente dois tipos de infância: a pequeno burguesa e a pobre. Enquanto pela primeira as crianças são tomadas como seres de pureza, fragilidade e inocência que por isso necessitam de cuidados;

já a infância pobre é caracterizada pelo abandono, pelo desvio, pelo risco, pela periculosidade e delinquência.

Concepções de infância diferentes que levam a intervenções diferentes; na infância pequeno-burguesa se tem uma intervenção marcada por uma medicina e por uma economia domésticas, enquanto que na pobre existe uma intervenção através de uma economia social. O autor diz que tanto a infância pequeno-burguesa quanto a pobre são controladas, governadas segundo a estratégia de um empresariamento generalizado da sociedade. Mas é necessário levar em conta que o controle da infância pobre é particularmente realizado com uma orientação biopolítica.

Citando Foucault o autor vai falar que o grande desafio do neoliberalismo foi o de transformar o mercado no princípio organizador e formalizador do Estado, ele diz que isso levou a uma disseminação de uma concepção de concorrência desenfreada, gerando a difusão do ideal da forma-empresa para todos os níveis do tecido social. O desenvolvimento desse pensamento leva a emergência nos Estados Unidos da teoria do Capital Humano. A emergência dessa teoria vai levar a mudança de concepção do indivíduo, ele não é mais apenas entendido como o proprietário de determinado capital, mas ele próprio se constitui enquanto capital. Essa concepção de indivíduo origina toda uma cultura do empreendedorismo.

Falando sobre o governo da infância pobre, excluída o autor nos fala que em nossa sociedade ela se funda desde o processo de cristianização dos nativos indígenas pelos jesuítas, e também da lei do ventre livre que determinava como seria a infância dos filhos de escravos. Um governo que no final do século XIX e no século XX vai se caracterizando pela emergência de um pensamento psicopedagógico e médico-higienista, justificado pela ideia de que a origem dessas pessoas de famílias tidas como disfuncionais criava a necessidade de intervenções disciplinadoras. Políticas de intervenção grandes proporções, como as conhecidas FEBEMs, que vão perdendo força no final do século. Com o processo de globalização observa-se uma exacerbação da ideia de que toda essa população deve ficar por sua conta e risco.

O autor fala que os anarco liberais norte americanos defendem a ideia de que as desigualdades não devem ser erradicadas, pois fazem parte do próprio sistema;

o que deve ser evitado é que algum indivíduo não consiga alcançar um nível aceitável de consumo, questão que deve ser combatida com o auxílio do Estado. É defendido que somente dentro dessa possibilidade o auxílio do Estado aos indivíduos é aceitável, um pensamento que faz com que:

[...] o atendimento e a assistência às crianças e aos adolescentes pobres se dão, de um lado, pelo viés do empresariamento social (ou seja, pela adoção de valores, princípios e tecnologias de gestão oriundos do mundo empresarial) e, de outro, por uma espécie de neo-humanismo que vê com demasiado otimismo as possibilidades abertas pelos direitos humanos (sobretudo, no que diz respeito à superação de graves, antigos e novos problemas referentes à infância excluída). (GADELHA, 2013, p. 231)

O autor conclui o seu texto falando sobre duas coisas. Primeiro diz que dentro desse contexto neoliberal as pautas minoritárias, como o são a luta pelos direitos das crianças, não é mais tido como algo que vai de encontro ao sistema vigente, mas que pode ser operado de forma a complementar o neoliberalismo. E segundo que se observa atualmente uma proliferação de uma busca incessante pela eficiência, o que se verifica pelo número cada vez maior de auditorias para avaliação de desempenho nos mais diversos setores.

4. DISCURSO NEOLIBERAL E INFÂNCIA EMPREENDEDORA:

Nesse cenário, a criança é construída como agente produtor do futuro, posicionada como lugar de investimento dessa sociedade ideal, em que a liberdade, a autonomia, o sonho, os desejos, tudo isso e algo mais podem ser sintetizados em um termo: empreender.

(CASAQUI, MATIJEWITSCH, FIGUEIREDO, 2019, p. 115)

O objetivo do presente capítulo é o de apresentar e discutir sobre as reportagens selecionadas para análise. No total foram dez reportagens, que foram selecionadas a partir de pesquisa em um conhecido motor de buscas online. As buscas retornaram inúmeras reportagens, grande parte de sites especializados ou em empreendedorismo ou em educação infantil, no entanto as reportagens que foram selecionadas foram as de grandes sites de notícias que falavam sobre empreendedorismo na infância.

A busca ocorreu inicialmente pesquisado o termo “como tornar o seu filho um líder” indo até a quinta página dos resultados encontrados resultou nas reportagens de Paulo Perim (2013), Raquel Paulino (2014) e Travis Bradberry (2015). Realizou-se também uma pesquisa com a frase “como educar seu filho para ser um empreendedor”, indo também até a quinta página da pesquisa foram encontradas as reportagens de Camila Lam (2012) e Isa Minatel (2019). Pesquisando por “como criar filhos empreendedores” chegou-se aos textos de Mariana Fonseca (2015) e Márcia Rodrigues (2016). Por fim pesquisando por “empreendedorismo infantil” selecionou-se três matérias (CRIANÇAS, 2015; 5 CRIANÇAS, 2015; ZUINI, 2012a).

Este capítulo encontra-se dividido em quatro seções, na primeira é tratada uma única reportagem (CRIANÇAS, 2015) que fala principalmente sobre o empreendedorismo e a sua inserção nas escolas, no segundo ponto aborda-se às reportagens que buscam dar dicas de como transformar seu filho em um líder (PERIM, 2013; PAULINO, 2014; BRADBERRY, 2015), na quarta seção são apresentadas as reportagens que trazem orientações de como transformar seu filho em um empreendedor (LAM, 2012; FONSECA, 2015; RODRIGUES, 2016; MINATEL, 2019). O quarto tópico trata das reportagens que mostram exemplos de crianças empreendedoras (5 CRIANÇAS, 2015; ZUINI, 2012a). Na última seção

apresentamos os resultados obtidos com esse trabalho, realizando a discussão dos dados apresentados com as ideias apresentadas no decorrer do texto.

4.1. EMPREENDEDORISMO NA ESCOLA:

Neste primeiro tópico trabalhamos sobre uma reportagem que visa discutir a educação para o empreendedorismo (CRIANÇAS, 2015). O texto em questão inicia falando de como atualmente as brincadeiras das crianças de buscar e criar seus próprios objetos ou brinquedos vem sendo visto como um símbolo de empreendedorismo. Essa proliferação da ideia do empreendedorismo tem levado a uma emergência de conteúdos e currículos escolares voltados ao tema, uma questão que inicialmente se difundiu mais fortemente no Ensino Médio, mas que mais recentemente tem chegado ao Ensino Fundamental e Infantil.

Seguindo o texto são apresentadas as ideias da professora Michelle Gomes Lelis, que é mestre em economia doméstica e autora de um curso a distância sobre empreendedorismo na escola para professores da Educação Infantil. Ela defende que essa inserção pode ocorrer através de atividades simples, como um clube de gibis por exemplo. Ela diz que as atividades em si não serão inovadoras, mas sim um olhar novo sobre práticas já tradicionais. “Para as crianças, recomenda, empreender deve significar libertar-se do modelo social vigente, que valoriza os bens materiais, e fazê-las buscar seus sonhos pensando com criatividade.” (CRIANÇAS, 2015, doc. não paginado)

Em seguida é comentado sobre a visão de Neide Noffs, diretora da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Para ela o importante é que se avalie o que está sendo ensinado, preservando a ludicidade natural da infância; para isso não é necessário o uso direto do termo empreendedorismo, que pode até mesmo atrapalhar. Voltando a falar sobre a professora Michele é dito que a ideia do empreendedorismo é lidar com os valores, e como o caráter e a personalidade se constroem dos 0 aos 7 anos é importante trabalhar desde cedo.

É trazido também um exemplo de uma escola particular de São Paulo. A coordenadora pedagógica dessa escola, a Liliane Gomes, diz que é trabalhado

muito a diferença entre o querer e o necessitar de algum bem material. Ela cita exemplos de práticas adotadas, como o dia em que cada um fica responsável pelo lanche de outro, e também o incentivo à que os alunos possam compartilhar e ensinar os seus diferentes talentos uns com os outros. Ela diz que a adoção de uma Educação Financeira na escola não trouxe um grande impacto nas práticas docentes, mas que isso trouxe a consciência sobre questões que já eram trabalhadas. Além do que trará um resultado a longo prazo na vida das crianças. Ela relata que optou-se por não utilizar o termo educação financeira para não criar uma falsa ideia de que as crianças são vistas como pequenos executivos.

Expondo as ideias de José Milton de Lima, professor universitário da área de educação é dito que “O empreendedorismo é apenas mais um item incluído nos currículos, entre uma série de atividades com o objetivo de que as crianças sejam, um dia, adultos mais bem preparados para enfrentar um mundo competitivo.” (CRIANÇAS, 2015, doc. não paginado). Questão que estaria inserida dentro de um projeto de tecnificação do ensino, e do qual tanto as escolas particulares como as públicas têm participado. Ele diz que está em disputa aí o conceito que se tem de infância, que é vista como uma miniatura da vida adulta; visão que deveria ser contestada pelas escolas com uma valorização maior das características próprias do período da infância.

Segundo o texto Fernando Dolabela² ao propor uma metodologia de empreendedorismo para crianças busca justamente valorizar a potência e a imaginação infantil. Ele diz que todas as crianças possuem um potencial empreendedor que é perdido com a convivência em sociedade. A metodologia proposta por ele consiste na identificação de cada um e na indagação do que cada um irá fazer para realizá-lo.

Silvia Cotello, uma professora universitária de psicologia da educação, diz que essa metodologia pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa. No entanto deve ser tomado cuidado com os riscos que a absorção dessa metodologia possam representar.

² Principal autor brasileiro a propor uma metodologia de ensino do empreendedorismo, com a defesa de sua pedagogia empreendedora. (COAN, 2011)

Apesar de o texto se propor a discutir sobre a inserção do empreendedorismo nas escolas, no entanto ocorre apenas uma defesa desse pensamento, pois o único autor apresentado que critica essa visão é sitiado e colocado como tendo uma visão complementar às outras que defendem o empreendedorismo na escola.

Ao discutir sobre a escola o texto traz apenas a realidade das escolas particulares, o único momento em que são citadas escolas públicas é quando diz que “Outra preocupação das escolas, sejam públicas ou particulares, é mostrar um “bom trabalho”.” (CRIANÇAS, 2015, doc. não paginado). O que demonstra que a exclusão de um aspecto importante para uma discussão sobre a escola, que é a diferença da realidade nas escolas públicas e particulares.

Além do que não consegue evidenciar qual o real objetivo de inserir o empreendedorismo no ensino. Em um momento o trata como sendo uma adaptação ao sistema, ao falar que ele deve servir como uma preparação à competição. Em outro momento o empreendedorismo é apresentado com uma contestação ao sistema, quando se diz que seu objetivo é ir de encontro a uma realidade que não permite sonhar.

4.2. TRANSFORMANDO O SEU FILHO EM UM LÍDER:

Neste tópico apresentamos as reportagens que falam em como transformar o seu filho em um líder (PERIM, 2013; PAULINO, 2014; BRADBERRY, 2015). Inicialmente temos a reportagem de Paula Perim que é Graduada em Comunicação Social - Jornalismo, além de possuir alguns outros cursos como um Curso de Gestão Executiva da Primeira Infância (Harvard University). Atualmente é Diretora de Grupo Crescer, Galileu, Casa e Jardim e Casa e Comida na Editora Globo. Também é autora dos livros *101 Ideias para você curtir com seu filho - Antes de ele completar 10 anos*, e *Bebês do Brasil*. Essas informações foram obtidas através de seu perfil no LinkedIn (PERIM, c2019). A reportagem é da Revista Crescer que faz parte das Editoras Globo.

A reportagem de Perim (2013) consiste em uma entrevista realizada com o consultor de carreiras Gilberto Guimarães, que na época estava lançando o seu livro

Liderança Positiva. O objetivo da entrevista é de apresentar as ideias sobre o empreendedorismo defendidas em seu livro aplicando-as à educação de crianças.

Essa entrevista é formada por dez perguntas. O principal objetivo é o de demonstrar de que modo os pais podem atuar como um líder para os seus filhos. Ele fala que o primeiro ponto para isso é perceber as aptidões do filho e incentivá-las; ele diz que é papel dos pais insistir para que os filhos desenvolvam essas aptidões, pois ao não terem uma visão de longo prazo as crianças muitas vezes não compreendem a importância de certas atividades. No entanto, nesse processo os pais devem tomar cuidado para não projetar nos filhos suas próprias aspirações e frustrações.

Falando sobre como os pais podem observar as aptidões dos filhos é destacado mais uma vez a importância dos pais terem um bom equilíbrio emocional para não despejar sobre os filhos as próprias inseguranças. É afirmado que os pais já são naturalmente observadores e incentivadores das aptidões dos filhos. No entanto, é preciso ter cuidado com a forma que se realiza críticas aos filhos, não se deve simplesmente criticar o que está errado, mas apresentar o certo e o errado e deixar que as próprias crianças escolham. Ao fazer isso os pais não devem se sentir inseguros já que na maioria das vezes os filhos escolherão o certo, pois é o que traz benefícios.

Quanto ao receio sobre as críticas o entrevistado reforça que muitas vezes existe o medo de que ao fazê-las pode ser gerado danos à autoestima das crianças. No entanto, a autoestima se caracterizaria pela capacidade de se perceber e de saber suas limitações. O objetivo aqui é o de definir responsabilidades e limites para as crianças, para que elas não tenha um excesso de autoestima e nem muito menos uma baixa dela ao se sentir pressionada a realizar coisas que estão além de sua capacidade.

A entrevista segue com a pergunta de como essa liderança positiva atua quando aplicada no campo da educação. O entrevistado responde dizendo que são três os conceitos fundamentais para ser um líder positivo.

O primeiro é conhecer as capacidades e as preferências comportamentais do liderado, que, nesse caso, é o seu filho. [...] Outro elemento é criar na sua casa um ambiente de não crítica, em que você respeite o conceito de responsabilidade pelos acertos e pelos erros – mas sem culpar a pessoa

pelo erro ou, no outro extremo, fingir que ela não teve participação nele. O terceiro ponto extremamente importante é desenvolver o otimismo, que é a capacidade de esperar que o futuro seja melhor do que o presente. (PERIM, 2013, doc. não paginado).

Falando em seguida sobre a questão do otimismo é afirmado que os bebês possuem um otimismo natural, pois ao chorar ele o faz acreditando que alguém vai atender suas necessidades. O que é explicado pela existência dos “[...] princípios mais básicos da existência do ser humano. Um deles, e o mais primordial, é o instinto de sobrevivência.” (PERIM, 2013, doc. não paginado). Destacando que muitas vezes os pais se equivocam ao tolher esse otimismo natural, ainda que muitas vezes o fazem sem perceber.

Nas últimas perguntas da entrevista a discussão é direcionada à questão da autonomia. Salienta-se a necessidade de se ter confiança nos liderados, que nesse caso são os filhos. Essa confiança vai proporcionar a possibilidade de conceder maior liberdade aos liderados. É enfatizado que essa liberdade é primordial para que possa ser desenvolvida a capacidade de tomar decisões sem ter medo de errar, uma característica que é fundamental para os líderes, e é função dos pais ensinar os filhos a serem líderes.

O principal objetivo dessa entrevista é o de delinear um caminho para que os pais possam ser um líder para os seus filhos. É demonstrado que o objetivo de atuar com um líder para as crianças é de que elas próprias se tornem líderes. A necessidade de se formar as crianças para serem líderes vai sendo demonstrado durante toda a entrevista, no entanto em nenhum momento se fala do porque as crianças devem ser ensinadas a serem líderes.

A reportagem seguinte se intitula *Meu filho é um líder?* (PAULINO, 2014). A autora Raquel Paulino é uma professora e orientadora educacional (ALERTAS, 2017) a reportagem se encontra no portal Delas - IG. Nela a autora busca inicialmente definir o que seria um líder. Citando uma coach parental e educacional e uma doutora em psicologia da educação é dito que a liderança não se caracteriza apenas pelo poder de influenciar outras pessoas, mas também pela capacidade de lidar com problemas, senso de justiça e de coletividade, pensar no melhor para o grupo, saber se expressar e saber ouvir, além de não ter medo de se expor e de se arriscar.

A autora em seguida traz o exemplo de uma mãe que relata que começou a observar em sua filha um comportamento de liderança já a partir dos dois anos de idade. No entanto a autora salienta que a atitude de líder não é algo que é inato, mas que é desenvolvido a partir das relações sociais em que as crianças estão envolvidas. Alguém que tem as habilidades de liderança pode ter elas tolhidas e os que não possuem podem ter elas desenvolvidas a partir de suas relações sociais.

Para desenvolver as habilidades de liderança nas crianças a autora cita dois aspectos que devem ser observados pelos pais: a repetição e os dois lados da circunferência. A repetição é exatamente o fato de que as atividades desenvolvidas com as crianças devem ser refeitas em diversos momentos para garantir o aprendizado. Já a questão chamada de “os dois lados da circunferência” se define pelo explicação de que as crianças sempre experimentam as opções de atitudes possíveis, e acabam desenvolvendo mais aquelas pelas quais recebem um melhor retorno, por exemplo as crianças vão ter em alguns momentos comportamentos de líder e em outros comportamentos de liderados, a autora fala que os pais devem incentivar os comportamentos de líder tomados pelas crianças.

A autora ressalta que é necessário para esse desenvolvimento das crianças a existência de um exemplo de líder, por isso os pais também devem ser líderes para que as crianças possam aprender a ser líderes. E por fim a autor chama a atenção para três comportamentos que muitas vezes são entendidos como de liderança, mas que não o são, e com os quais os pais devem tomar cuidado, se referindo aí ao autoritarismo, ao exibicionismo e à birra.

Aqui observa-se novamente a apresentação da necessidade de que os filhos sejam líderes e do dever dos pais de educá-los com esse objetivo. No entanto, mais uma vez não é dita qual é a importância, qual a necessidade de se criar os filhos como líderes. Outro aspecto fundamental que se repete aqui é a necessidade de que também os pais sejam líderes para ensinar os seus filhos a sê-lo.

O último texto deste tópico é o de Travis Bradberry (2015). O autor é bastante conhecido tendo escrito o livro *Emotional Intelligence 2.0*, além do que fundou a TalentSmart, uma consultoria que atende mais de 75% das empresas da Fortune 500. Seus livros já foram traduzidos em mais de 25 idiomas e estão disponíveis em mais de 150 países (ABOUT, c2019).

A reportagem está publicada na Revista Forbes, que se autointitula como a mais conceituada revista de negócios e economia do mundo. Possuindo mais de 100 anos de atuação, a revista está presente no Brasil desde agosto de 2012 (FORBES BRASIL, c2018).

O texto é titulado como *8 maneiras de formar seu filho como um líder*. Nele inicia falando do desejo que provavelmente todos os pais têm de que seus filhos se tornem grandes líderes, e enquanto educadores ele exercem um papel fundamental no desenvolvimento dessa liderança. O autor vai justamente enumerar oito coisas que farão com que seu filho se torne um líder.

O primeiro ponto que o autor cita é trabalhar com a inteligência emocional, um item fundamental para lidar com os problemas e dúvidas da vida. Algo que é aprendido diretamente com os pais, segundo o autor é preciso que os pais observem a si mesmos para perceber que tipos de sentimentos estão expressando, pois as crianças são como esponjas que vão absorver essas emoções, sejam elas boas ou ruins.

No ponto seguinte o autor fala que é necessário não gerar uma obsessão em relação às conquistas, pois isso pode levar a uma falta de preparo dessas crianças para enfrentar as perdas e fracassos que são inerentes à vivência humana. No terceiro ponto é dito que também deve ser tomado cuidado com os elogios para que eles não sejam excessivos, pois isso pode ocasionar uma demasiada autoconfiança que poderá gerar confusões e complicações.

No quarto tópico o autor vai falar que é necessário permitir que os filhos se arrisquem, pois “O sucesso na vida profissional e pessoal é conduzido diretamente pelos riscos.” (Bradberry, 2015, doc. não paginado). O fracasso e as decepções constroem o caminho para o sucesso, por isso o medo de errar não pode impedi-lo de se arriscar.

A próxima questão levantada pelo autor é a importância de dizer não. A falta dele pode atrapalhar o desenvolvimento dos filhos, fazendo com que eles não sejam capazes de trabalhar duro pelo que queiram.

No sexto ponto o autor fala que pode ser observado implicitamente na personalidade de um líder a existência de uma certa auto-suficiência, para que isso

possa ser desenvolvido nas crianças é necessário que os pais deixem que elas resolvam os seus próprios problemas sozinhas.

O penúltimo ponto fala sobre a importância dos pais se vigiarem quanto a linguagem que utiliza, pois um líder necessita conquistar as outras pessoas pela forma educada que as trata, e a linguagem que os pais utilizarem será a que os filhos aprenderão, por isso é de fundamental importância tomar cuidado sobre a forma de agir cotidianamente.

No último ponto o autor fala que é preciso que os pais se mostrem mais humanos. Relatar suas experiências de fracasso e vulnerabilidades ajuda as crianças a entenderem que eles são acontecimentos naturais da vida com os quais ele também vão ter de enfrentar.

Essa reportagem mais uma vez demonstra como transformar os seus filhos em um líder, sem no entanto definir qual o objetivo de o fazer. No entanto, diferente das outras reportagens aqui não se fala da necessidade de os pais serem líderes para ensinarem os seus filhos a o serem.

4.3. TRANSFORMANDO O SEU FILHO EM UM EMPREENDEDOR:

Apresentamos neste tópico as reportagens que falam sobre como transformar o seu filho em um empreendedor (LAM, 2012; FONSECA, 2015; RODRIGUES, 2016; MINATEL, 2019). A primeira reportagem é de Camila Lam que é uma jornalista com especialização nas áreas de empreendedorismo, franquias, pequenas empresas e startups. (LAM, c2019). Essa reportagem é da Revista Exame que faz parte da Editora Abril. Ela inicia interpelando se os pais não desejariam que os filhos desenvolvam habilidades empreendedoras, ela fala que “Ser um empreendedor não significa abrir uma empresa necessariamente, mas ter a capacidade de criar soluções, lidar com problemas e enxergar oportunidades.” (LAM, 2012, doc. não paginado). Capacidades que a autora defende que podem e devem ser desenvolvidas nas crianças e é um dever dos pais realizarem esse trabalho.

A autora cita um consultor do Sebrae-SP, a fundadora de uma escola de empreendedorismo e Fernando Dolabela. São expostas quatro maneiras de

desenvolver as habilidades empreendedoras nas crianças, as quais são apresentadas como baseadas majoritariamente nas ideias de Dolabela.

O primeiro ponto citado é “Estimule a criatividade”. É falado que a importância dessa criatividade é demonstrada pelo fato de que é a partir dela que os indivíduos poderão inovar. A sugestão aqui é de incentivar a criatividade através de brincadeiras, como o desenvolvimento de uma história, ou simular uma situação em que a criança hipoteticamente estaria e em que necessitaria encontrar soluções.

O segundo ponto abordado é o “Proponha desafios”. Deve-se desafiar as crianças com perguntas que exijam delas buscar e/ou elaborar uma resposta uma solução, tais como perguntar qual brinquedo ele poderia criar que fosse melhor do que os que ele possui. A função é a de levar as crianças a trabalharem para solucionar suas dúvidas, pois para ser empreendedor é preciso olhar para além dos padrões. Uma atitude que levaria as crianças a buscarem transformar suas ideias em realidade.

O terceiro ponto se chama “Incentive a prática de esportes”. A função aqui é o desenvolvimento de autoestima, e que pode ser desenvolvida pela prática de esportes. A autoestima é importante porque ela tem uma relação direta com a questão da confiança que é uma habilidade comportamental necessária para alcançar sucesso como empreendedor. Além do que ajudariam a percepção do trabalho em equipe, já que esses trabalhos são realizados em grupo e também ensina as crianças a terem motivação.

O quarto e último ponto é o “Crie atividades diferentes”. A autora fala que as crianças necessitam ter diversas experiências para descobrir os seus talentos, o cinema, o teatro e a música são citados como atividades desse tipo.

Em seu texto Camila Lam (2012) apresentou quatro recomendações de como auxiliar crianças no desenvolvimento de um perfil empreendedor, sem realizar nenhuma justificativa sobre o motivo de ser indispensável o fazer. Em seu texto o foco encontra-se inteiramente nas crianças, sem fazer nenhuma definição de como deveria ser o perfil dos pais.

A reportagem seguinte é de Mariana Fonseca, que é repórter de empreendedorismo e inovação (FONSECA, c2019). Além do que já ganhou dois

prêmios ABF Destaque Franchising, da Associação Brasileira de Franchising³ (ABF) (GREGO, 2019). A reportagem encontra-se na Revista Exame da Editora Abril.

Na reportagem a autora compila dicas que Edward Zuckerberg, pai de Mark Zuckerberg que é cofundador do Facebook, concedeu em diversas entrevistas realizadas. Segundo a autora Edward criou seu filho para o mundo do empreendedorismo e no texto encontram-se sete passos para uma educação desse tipo.

O primeiro ponto é “Lidere pelo exemplo”. Nesse ponto se fala que Edward ensinou os seus filhos a serem empreendedores sendo empreendedor, pois os filhos cresceram convivendo em meio ao negócio dos pais que possuem um consultório odontológico.

O segundo ponto é “Dê segurança aos seus filhos”. Nesse ponto se fala da necessidade de suporte, seja ele econômico ou emocional, para que o empreendedor possa desenvolver o seu negócio. No caso citado é dito que esse suporte vem do fato de Edward ser formado em odontologia, uma carreira estável e lucrativa.

O terceiro ponto é “Descubra e desenvolva os interesses deles”. É necessário que os pais busquem observar quais são as habilidades dos seus filhos e ajudá-los a desenvolvê-las, sem querer direcionar o modo de vida dos filhos. O exemplo dado é de que Edward ensinou o seu filho a programar.

O quarto ponto é “Mostre orgulho dos seus filhos”. Nesse ponto é tocada a importância dos pais demonstrarem que se importam com os filhos. A autora cita uma entrevista de rádio em que Edward descreve rapidamente o seu filho Mark e se declara orgulhoso por tudo o que ele conseguiu, declarando-se também orgulhoso por tudo que todos os seus filhos já conquistaram.

No quinto ponto chamado “Estabeleça limites (e cumpra)” fala-se da necessidade de demonstrar desgosto frente a determinadas atitudes não desejáveis de seus filhos, algo que deve ser feito desde cedo. O sexto ponto, que se

³ Franchising é o que mais comumente se chama de sistema de franquias, que é um tipo de negócio em que “o proprietário de uma marca (conhecido como franqueador) concede à outra pessoa (física ou jurídica) o direito de vender e distribuir seus produtos, utilizar seu know-how, sua marca e sua patente.” (DINO, 2016, doc. não paginado).

complementa ao anterior, é o “Porém, também incentive a hora da brincadeira” em que se diz que é preciso saber equilibrar regras com espaços de criatividade, afinal tem um momento para trabalhar e outro para brincar.

O sétimo ponto “Leve o equilíbrio também para sua vida” fala que os pais, assim como as crianças, também devem buscar um equilíbrio entre tarefas e lazer, como exemplo é dado o fato de que a esposa de Edward, que se chama Karen, trabalhava mesmo quando os filhos eram pequenos, visto que o negócio da família se localizava em sua própria residência.

Fica bastante evidente durante o texto a ideia de se comportar como um empreendedor é fundamental, uma questão que é apresentada como um fato já consumado. Se aponta que os pais devem criar seus filhos para o mundo do empreendedorismo, sendo apresentadas dicas para isso, demonstrando-se a necessidade de os pais serem eles também empreendedores.

A reportagem seguinte é de Marcia Rodrigues, que é formada em Bacharel em Comunicação - Jornalismo. Possuindo diversas atuações como jornalista, entre as quais destaca-se a atuação como Editora do Portal Empreendedorismo - UOL. (RODRIGUES, c2019). A reportagem está veiculada no portal UOL, importante portal de notícias que no ano de 2017 figurou como o sexto site mais acessado do Brasil (AGRELA, 2017).

A reportagem tem por título *Não dê mesada: veja essa e mais 10 dicas para seu filho virar empresário* nela a autora traz uma lista de “[...] 11 dicas para os pais estimularem o empreendedorismo desde o começo.” (RODRIGUES, 2016, doc. não paginado) elaborada por João Kepler, que é conselheiro da entidade *Anjos do Brasil* e autor do livro *Educando Filhos para Empreender*.

A primeira dica é de que o ambiente do lar deve ser um ambiente empreendedor, em que as crianças participam de todos os acontecimentos e decisões da casa. Kepler diz que em sua casa existe um fundo de viagens em que todos, incluindo os seus filhos, contribuem com valores mensais. A segunda dica é que deve sempre ser falado com as crianças todos os problemas vividos, seja em âmbito familiar ou os que a incomodam, isso serve para que elas possam ver oportunidades até nas dificuldades.

A terceira dica é não dar mesadas, Kepler cita o exemplo de sua própria família em que todos os seus três filhos de 12, 15 e 17 anos já possuem cada um os seus próprios negócios. Concernente também a questões financeiras é dito na quarta dica é preciso demonstrar para as crianças que não existe estabilidade financeira, não deve se dar a impressão de que os filhos certamente receberam algum dia uma herança familiar que os permitirá viver para o resto de suas vidas.

A quinta dica é mostrar aos filhos através das notícias e acontecimentos cotidianos que todos os acontecimentos da vida possuem o seu lado bom e o seu lado ruim, para não passar a falsa impressão de que se vive em um mundo encantado e para estimulá-los a serem críticos.

O sexto é elogiar as virtudes e estudar os defeitos da criança. É preciso de tempos em tempos ajudá-los a se auto avaliarem e também a gerenciarem suas próprias limitações. Além disso pelo sétimo passo vemos que é preciso também explicar que fracassar não é um problema, não se deve apenas trazer o exemplo de grandes líderes sem falar de seus fracassos para não criar nas crianças o medo de errar, é preciso ensiná-las que na jornada rumo à sua meta serão cometidos erros e exigidos sacrifícios.

Como oitavo ponto é citado o fato de que deve se estimular os filhos a buscarem conhecimentos, mostrado-os conteúdos que apresentem casos de sucesso e de fracasso, além de curiosidades e histórias que levem ao aprendizado sobre coisas fora do padrão e a inspiração.

No nono ponto é falado que os pais devem agir como sendo mentores de seus filhos. Os pais devem questionar as crianças, propor desafios, para fazer as crianças perceberem que fazer sempre as mesmas coisas gera somente resultados similares. Cumprindo essa função é falado no ponto dez da necessidade de incentivar os filhos a se preocuparem com o próximo.

O último ponto fala que os pais não devem estar em cena sempre, mas devem abrir espaço para as crianças terem iniciativa e realizarem atividades sozinhas.

Como ocorre em outras reportagens aqui também é apresentada uma defesa do empreendedorismo para as crianças sem se falar quais os motivos que apoiam essa prática. Aqui não se diz que para ensinar os seus filhos a serem

empreendedores é necessário que os pais sejam empreendedores, no entanto é definida qual o comportamento desejável dos pais para alcançar esse objetivo, devem agir como mentores dos filhos.

A última reportagem é de Isa Minatel Psicopedagoga Montessori⁴, autora dos livros *Crianças Sem Limites e Temperamentos Sem Limites*. Possuindo também um canal no YouTube. (MINATEL, c2019). A reportagem encontra-se na Revista Crescer da Editora Globo.

A reportagem se intitula *Eduque seus filhos pensando em desenvolver neles comportamentos empreendedores*. O texto inicia indagando sobre o que levaria uma pessoa a ter sucesso ao empreender. Ela fala sobre o acesso ao dinheiro e sobre possuir os conhecimentos necessários, e conclui que não é nenhum desses dois fatores o determinante, mas sim o comportamento.

É o comportamento empreendedor dos indivíduos que fez a diferença entre o sucesso e o fracasso de cada um. E não pense que empreendimento se refira apenas a abertura de um negócio próprio. O termo vai muito além disso: pode ser na carreira, educação dos filhos ou alunos, gestão de seus relacionamentos ou qualquer desafio em sua vida. (MINATEL, 2019, doc. não paginado)

Segundo a autora deve-se educar os filhos e os alunos visando desenvolver neles esse comportamento empreendedor, para isso ela vai enumerar dez maneiras de o fazer: 1) Estabeleça metas, 2) Planeje e monitore, 3) Busque informações, 4) Busque as oportunidades e tenha iniciativa, 5) Corra riscos calculados, 6) Exija qualidade, 7) Seja persistente, 8) Seja comprometido, 9) Seja persuasivo e tenha uma rede de contatos, 10) Desenvolva a independência e autoconfiança. A autora conclui dizendo que seguindo esses dez passos estaremos lançado no mundo seres humanos mais capacitados a conseguir alcançar os objetivos que desejarem.

Aqui a autora não fala diretamente que os pais precisam ser empreendedores para ensinarem seus filhos a o serem, no entanto a conduta que os pais devem possuir é delineada em suas explicações. Aqui a autora cita qual a importância de realizar uma educação voltada para o empreendedorismo, é o de desenvolver nas

⁴ Um método que foi criado pela pensadora italiana Maria Montessori e que “propõe que a criança dite o ritmo do próprio aprendizado, de acordo com suas fases de desenvolvimento neurológico e social.” (PINHEIRO, 2019, doc. não paginado)

crianças um comportamento empreendedor, comportamento esse que é apontando como o fator decisivo entre o sucesso e o fracasso na vida.

4.4. INFÂNCIA EMPREENDEDORA COMO MODELO:

Neste tópico trabalhamos com as reportagens que buscam trazer exemplos de crianças empreendedoras, serão analisados aqui dois trabalhos (ZUINI, 2012a; 5 CRIANÇAS, 2015), além do que serão retomados também os textos de Fonseca (2015) e Rodrigues (2016) trabalhados no tópico anterior.

A reportagem intitulada *7 exemplos de crianças empreendedoras* foi escrita por Priscila Zuini uma jornalista especializada em franquias e negócios, que já atuou nas redações de Exame.com e Pequenas Empresas & Grandes Negócios (PRISCILA, c2019). Estando publicada na Revista Exame da Editora Abril.

Em sua reportagem a autora busca mostrar exemplos de crianças empreendedoras. Ela inicia o seu texto falando sobre a criatividade das crianças, e de como essa criatividade pode levar a ideias de negócios altamente lucrativas, como ocorre nos casos em que ela vai apresentar a seguir. As crianças são apresentadas com uma foto e uma pequena história de seus empreendimentos.

A primeira história é de Caine Monroy, um menino que passando as férias na oficina de auto peças do pai criou brinquedos a partir de caixas de papelão. Ele se tornou famoso quando um cliente da loja gravou um vídeo e criou um evento no facebook, o evento viralizou tendo mais de 200 mil confirmações. É dito que ele ganhou mais de 200 mil dólares em doações. Não fica muito bem definido qual o negócio que ele realiza, a partir de um link para outra reportagem da mesma autora (ZUINI, 2012b) podemos ver que ele cobra um certo valor pela utilização desses brinquedos, com se fosse um pequeno parque de diversões, podemos ver também apenas através da matéria do link que o garoto possuía a época 9 anos. A segunda reportagem apresenta um link para uma terceira reportagem (RASOM, 2012), essa em inglês onde pode-se verificar que se trata de um garoto de Los Angeles.

O segundo exemplo é de Thomas Suarez, que aos doze anos já deu uma palestra no TEDxManhattanBeach, já criou dois aplicativos para os produtos da Apple (Earth Fortune e Bustin Jieber), além do que trabalha meio período em sua

própria empresa ensinando programação a outros estudantes. É apresentado um link de uma reportagem feita exclusivamente sobre Thomas (ZUINI, 2011), que no entanto não acrescenta nenhuma nova informação. Nenhuma das duas reportagens fala de do local de origem do garoto, através de uma pesquisa rápida por seu nome descobrimos que se trata de uma pessoa de Los Angeles nos Estados Unidos (THOMAS, 2011)

O próximo exemplo é o de Leanna Archer, ela é a única garota e a única negra apresentada na matéria, em todos os outros exemplos temos garotos brancos. Ela possui a empresa Leanna's Inc. que faz produtos naturais para os cabelos, empresa fundada quando ele tinha nove anos e que segundo a reportagem fatura mais de 100 mil dólares. Não é apresentado aqui nenhum link para outras reportagens. Pôde ser verificado (GEE, 2014) que se trata de uma menina de Nova Iorque nos Estados Unidos.

A quarta criança sobre a qual é falada é Robert Nay. Garoto que aos 14 anos criou o seu próprio game, chamado Bubble Ball; figurando entre os mais vendidos da App Store da Apple, acima do famoso Angry Birds. Game que foi produzido pela sua própria empresa a Nay Games. Verificou-se (KOOSER, 2011) que se trata de um garoto de Utah/Estados Unidos.

O quinto exemplo é o do Daniil Kulchenk, garoto que desde os seis anos já brincava com programação HTML e aos onze já era administrador Linux freelancer. Criou a Phenona, que faz aplicações Perl na nuvem. Empresa que quando ele tinha quinze anos foi vendida para a companhia canadense ActiveStante, após isso o garoto se divide entre o trabalho na empresa e os estudos. É apresentado o link de uma reportagem exclusiva sobre ele (MOREIRA, 2011), que no entanto não adiciona nenhuma informação relevante. Pode ser verificado (MATOS, 2011) que se trata de um ucraniano radicado nos Estados Unidos.

O exemplo seguinte é o de Nick D'Aloisio, que aos dezesseis anos criou um aplicativo de celular, o Summly. Já tendo se reunido com importantes nomes, como empresários norte americanos. É apresentado um link para outra reportagem (ZUINI, 2013), que não acrescenta nada de novo. Se trata de um garoto de Londres, Inglaterra. (BARROS, 2012)

O último exemplo é de Javier Agüera, que aos 19 anos criou o seu próprio celular e fundou a própria empresa, a GeeksPhone, ambos tendo sido apresentados durante o Mobile World Congress, que aconteceu em Barcelona. O que lhe rendeu fama internacional tendo sido considerado pelo MIT um dos talentos com menos de 35 anos que podem mudar o mundo. É apresentado um link que no entanto resulta como página não encontrada. Javier é um garoto espanhol (SALZA, 2016)

A segunda reportagem que iremos tratar neste tópico é a que se intitula *5 crianças que dão um show de empreendedorismo* (5 CRIANÇAS, 2015). O texto inicia com a mensagem de que nunca é cedo demais para entrar no mundo dos negócios, e para corroborar com essa ideia traz exemplos de crianças que já o fizeram. Assim como na primeira reportagem aqui também as crianças são apresentadas com uma foto de cada e uma pequena história de como elas empreenderam.

O primeiro exemplo é de Kiowa Kavovit que aos 6 anos criou, com a ajuda de especialistas, uma espécie de tinta, chamada Boo Boo Goo, que serve para secar feridas e gerar uma camada de proteção sobre o machucado. No texto é apresentado um link, que aparenta ser do site do produto, mas que no entanto não era possível acessar o site do link. Verificou-se que se trata de uma garota de Los Angeles/EUA (YOUNG, 2014)..

A segunda criança apresentada é Vivienne Harr. Garota que aos 8 anos, horrorizada com a descoberta da escravização de crianças, começa a vender limonadas para ajudar organizações que lutam pelo fim do trabalho infantil. Um negócio que obteve projeção mundial e que acabou se tornando uma marca de venda de limonadas a Make a Stand. Aqui são apresentados dois links, o primeiro para uma reportagem do jornal The New York Times (SOLOMON, 2013), e o segundo para o site da marca de limonadas que no entanto leva somente a um site de venda de domínios online. Não é dita a sua nacionalidade, mas pela reportagem linkada (SOLOMON, 2013) sabemos que se trata de uma estadunidense.

O próximo exemplo é o de um garoto britânico, o Harli Jordean, o único dos cinco que a nacionalidade é expressa diretamente. Possuía 10 anos na época em que a reportagem foi escrita e aos 8 havia fundado uma marca de bolas de gude, a

Marble King. Em sua descrição não é apresentado nenhum link para outros conteúdos.

O quarto exemplo é de Cory Nieves, que aos nove anos cansado de ter de pegar ônibus para ir a escola começou a vender cookies para ajudar na compra de um carro para a mãe, um negócio que deu tão certo que gerou uma loja física e outra online. Não é dito de que local Cory é, mas sabemos que ele é uma garoto de Nova Jersey nos Estados Unidos (EMPREENDEDORES, 2019). Nessa reportagem Cory é o único dos cinco que é negro, tratando-se os outros quatro exemplos de pessoas brancas.

A última criança apresentada é o do menino Evan, que aos 7 anos possui um canal no YouTube, em que faz desafios e resenhas de brinquedos, e que fatura mais de US\$ 1 milhão por ano. É apresentado o link para o seu canal, que é chamado *EvanTubeHD*, um canal em língua inglesa e que quando nós o acessamos possuía mais de 6 milhões de inscritos. Através do seu canal do YouTube pode ser verificado que se trata de um garoto dos Estados Unidos.

Das reportagens que foram examinadas em nosso trabalho as duas que acabamos de descrever são as que tem por objetivo principal trazer exemplos de crianças empreendedoras. No entanto queremos retomar aqui duas outras reportagens trabalhadas no tópico anterior e que apesar de não ter a exposição de exemplos como tema principal, também fazem uso desse artifício, estamos nos referindo a Fonseca (2015) e Rodrigues (2016).

O texto de Fonseca (2015) está centrado não no exemplo em si de uma criança empreendedora, mas em Edward Zuckerberg, pai de um grande empreendedor o Mark Zuckerberg, um dos cofundadores do Facebook. O texto não apresenta Mark como uma criança empreendedora, porém demonstra que o comportamento empreendedor foi algo aprendido desde a infância, e defende esse aprendizado. Apresentando o caso como um exemplo a ser seguido e oferecendo uma receita de como o fazer.

No texto de Rodrigues (2016) é apresentado também um passo a passo de como tornar o seu filho um empreendedor, que é construído por um especialista João Kepler. Para além de sua profissão outro fator que embasa sua fala é o exemplo de sua própria família, já que pai de três filhos empreendedores, em

especial um que recebeu alguma atenção midiática o Davizinho Braga, e para o qual é apresentado um link de uma reportagem sobre o garoto (FERREIRA, 2014).

Observamos que as reportagens buscam apresentar exemplos de crianças empreendedoras que devem servir de modelo para todas as outras. No entanto, os exemplos apresentados apresentam questões que podem ser problematizadas. Em são indicadas duas questões nesse sentido.

A primeira questão que se destaca é o fato de que são apresentados apenas exemplos de crianças empreendedoras estrangeiras. Crianças que são todas de países desenvolvidos, apesar de que em alguns contextos brasileiros pode-se observar a existência de uma realidade similar à de países desenvolvidos não se trata da mesma realidade. Além do que existem diversas realidades no Brasil, muitas das quais estão bastante distantes de serem similares à de países desenvolvidos. O único exemplo que não se encaixa no que acabamos de falar é o do alagoano Davizinho Braga. No entanto, na reportagem em que aparece ele é apresentado de forma marginal, apenas como mais um fator para legitimar as colocações de João Kepler, que é seu pai .

A segunda questão levantada é a apresentação de uma quadro extremamente desigual. Tendo em conta as características das crianças trazidas como exemplo, vemos que elas possuem uma cor fixada, sendo elas brancas. Apesar da existência de exemplos de crianças negras isso ocorre em uma proporção visivelmente menor. Na primeira reportagem (ZUINI, 2012a) entre as sete crianças expostas temos apenas uma negra, e na segunda reportagem (5 CRIANÇAS, 2015) de cinco crianças apresentadas apenas uma é negra. Essa desigualdade também pode ser observada com relação ao sexo das crianças. Na primeira reportagem temos somente uma criança do sexo feminino e seis do masculino, já na segunda reportagem encontra-se duas do sexo feminino e três do masculino.

Verifica-se que o objetivo dos autores é defender uma infância empreendedora afirmando que todas as crianças podem e devem se tornarem empreendedoras. Uma defesa que ocorre através da apresentação de exemplos de crianças que conseguiram alcançar sucesso em suas incursões empreendedoras e que devem ser tomadas como modelo de conduta.. No entanto, no momento de

apontar as crianças que conseguiram seguir com esse objetivo empreendedor, são apresentadas crianças de uma realidade específica e muito bem delineada.

Os exemplos trazidos são de crianças estrangeiras, a maior parte dos EUA e Inglaterra, com uma cor definida, a maioria é branca, e com um sexo definido, a maioria do sexo masculino. Desse modo a percepção de que todas as crianças podem ser empreendedoras se demonstra frágil. Pois é exposto que crianças de uma dada realidade conseguiram se tornar empreendedoras, o que não permite afirmar que todas as crianças nas mais diversas realidades também o podem

4.5. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A primeira questão que pode ser observada é que, guardadas suas especificidades, todas as reportagens realizam uma forte defesa de uma infância empreendedora. Uma defesa que é realizada com uma ausência de justificação, pois não existe uma explicação sobre os motivos que fundamentam essa indispensabilidade do empreendedorismo desde a infância.

A necessidade de empreender é apresentada como um consenso geral do qual todos já tomaram conhecimento, e por isso não é necessário falar sobre. Observa-se com isso a tentativa de apresentar o empreendedorismo como um desenvolvimento natural do período da infância.

A maneira como ocorre essa defesa de um empreendedorismo voltado às crianças também demonstra questões importantes. Em um primeiro momento vimos o favorecimento dessa ideia a partir da perspectiva das escolas, sem no entanto levar em consideração a diferença de realidade entre as escolas privadas e públicas, excluindo a realidade dessa última. Intercedendo pela inserção do empreendedorismo nos diferentes currículos escolares sem um grande aprofundamento sobre as diferentes realidades escolares.

Em seguida temos reportagens que buscam delinear uma receita de como transformar os filhos em líderes e em empreendedores. Desse modo delinea qual o comportamento que deve ser esperado das crianças, mas principalmente quais devem ser as atitudes que os pais devem adotar.

Por fim temos reportagens que buscam defender o modelo das crianças empreendedoras através da apresentação de pessoas que sirvam de paradigma a ser seguido. Mostrando exemplos distantes da realidade, em maioria pessoas estrangeiras, brancas e do sexo masculino.

Ocorre a apresentação de uma visão bastante homogeneizadora. Pois em todas as reportagens o caminho do empreendedorismo é apresentado como sendo a única possibilidade de alcançar os desejos e sonhos, de ser livre. No entanto, essa questão mas cara o fato destacado por Harvey (2008), de que a defesa do livre empreendimento gera a plenitude da liberdade para aqueles que não necessitam de melhorias em sua renda, em seu tempo livre e em sua segurança. Enquanto que gera apenas um mero verniz de liberdade para o povo.

Utilizando os termos de Gadelha (2013) percebemos que a infância pobre é totalmente apartada da construção desse pensamento. A infância pequeno-burguesa é utilizada para pensar a questão do empreendedorismo e é apresentada como referência única para as diferentes infâncias. Apesar disso, a ideia de uma infância empreendedora é tomada como algo passível de universalização, o que gera o entendimento equivocado de que todos podem ser empreendedores de sucesso, e os que não conseguem são culpados de seu insucesso.

Observa-se a utilização de experiências de vida que foram midiaticizadas como sendo o modo exemplar de viver. Essa apresentação de pequenas celebridades pode aqui ser explicada a partir da análise de Casaqui, Matijewitsch e Figueiredo (2019, p. 116) de que:

Na contemporaneidade, quando o empreendedor é o modelo de conduta ideal, o fenômeno da emergência de crianças empreendedoras como celebridades com milhões de seguidores é explicado por esse papel estratégico de inspirar novos quadros desde a tenra idade.

Um modelo de conduta ideal que busca moldar o comportamento das crianças. A reportagem de Minatel (2019) é a que mais evidencia o fato de que o objetivo é o de produzir um comportamento específico nos indivíduos, buscando assim produzir uma subjetividade própria. No entanto, a questão apresentada não se restringe à essa reportagem, mas está presente em todas elas. Procura-se

moldar o comportamento não apenas das crianças, mas também o dos pais. Já que esses últimos precisam apresentar um comportamento específico, devem ser líderes, devem ser empreendedores para que possam ensinar os filhos a serem líderes e empreendedores.

Retomando Marival Coan (2011) que destacou a existência de duas correntes principais de pensamento que fundamentam a defesa de uma educação para o empreendedorismo, uma de autores da economia que tomam o empreendedorismo fortemente associado às ideias de negócios e empresas; outra corrente que é formada por autores advindos de áreas como a administração, a psicologia e a sociologia que constroem uma ideia do empreendedorismo mais ligada à questões comportamentais e atitudinais.

A ideias defendidas por essa segunda corrente encontram-se possuem maior influência dentro do que foi observado. O comportamento é tomado como o fator determinante para o sucesso que o empreendedorismo pode proporcionar aos indivíduos. Assim podemos dizer que as ideias de autores como Peter F. Drucker e David C. McClelland, que fazem parte da segunda corrente, tiveram uma influência maior sobre as questões de um empreendedorismo infantil do que autores como Jean Baptiste Say e Schumpeter que fazem parte da primeira corrente.

As ideias de Theodore W. Schultz um pouco diversa, pois apesar de Coan (2011) agrupá-lo junto com os autores que defendem o empreendedorismo com uma ligação mais forte ao mundo dos negócios e das empresas, consideramos que para as questões observadas suas ideias possuem uma importância maior do que as de outros autores dessa corrente.

Retomando Costa (2009) vemos as contribuições de Schultz com sua teoria do Capital Humano que é um dos principais fundamentos das ideias empreendedoras. O capital humano é compreendido como o conjunto de capacidades, habilidades, destrezas e aptidões dos indivíduos que adquire valor de mercado e se apresenta como forma de capital, podemos observar que é justamente ele que busca ser modificado quando se fala da necessidade de criar nos indivíduos um comportamento específico.

Como já foi demonstrado a questão da infância empreendedora encontra-se em profunda relação com o neoliberalismo. Segundo Harvey (2008), Foucault

(2008b, 2008c) e Dardot e Laval (2016) os autores que defendem o neoliberalismo buscam uma diminuição do poder do Estado, pois o controle deste acaba por tolher as liberdades individuais. No entanto, isso não significa a ausência de controles, como delineou Althusser (1996) a reprodução das condições de produção acontece não apenas no nível público, mas também no nível do privado, já que alguns Aparelhos Ideológicos do Estado estando completamente no nível privado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O trabalho buscou compreender de que modo tem ocorrido a defesa do empreendedorismo no período da infância. Compreendendo que essa questão é produzida a partir do discurso neoliberal, buscamos inicialmente compreender como se caracteriza o pensamento neoliberal, para isso utilizamos Harvey (2008), Foucault (2008b, 2008c) e Dardot e Laval (2016).

Compreendendo que o neoliberalismo vai além de ser apenas uma teoria econômica, mas é a racionalidade dominante na nossa época (LANDER, 2005). Racionalidade que se produziu enquanto discurso (FOUCAULT 2008a). Um discurso que visa formar indivíduos cada vez mais adaptados às suas demandas.

Nesse sentido observa-se a emergência cada vez maior de um incentivo ao empreendedorismo (COSTA, 2009 e COAN, 2011), incentivo que vai abarcando cada vez mais setores da sociedade abarcando até mesmo a infância (CASAQUI; MATIJEWITSCH; FIGUEIREDO, 2019 e GADELHA, 2013).

O indivíduo como empreendedor é caracterizado como sendo pró-ativo, inventivo, inovador, flexível, com senso de oportunidade e com grande capacidade de produzir mudanças. É preciso formar um indivíduo com essas características, e essa formação é buscada desde a mais tenra idade, daí surge a questão da infância empreendedora.

Tomando 10 reportagens de jornais para analisar a questão da infância empreendedora. Reportagens que demonstraram que têm se produzido uma crescente defesa dessas ideias, defesa que muitas vezes ocorre sem grandes reflexões. Sendo realizadas com o objetivo de sustentar o desenvolvimento de indivíduos cada vez mais voltados aos ideais empreendedores.

Através das reportagens observamos que a questão da infância empreendedora se caracteriza por ter de um lado a escola que fornece para o conteúdo, a prática, o como fazer do empreendedorismo. O que é feito através de brincadeiras, de práticas lúdicas que buscam inserir nas vivências simples as questões do empreendedorismo.

Por outro lado vemos que essas ideias aprendidas nas escola devem ser complementadas com o reforço dos pais. Aquilo que é feito que é praticado na escola aquilo que na escola é aprendido através de um jogo, ou de uma brincadeira. deve ter sua real importância apontada pelos pais. Nesse sentido as reportagens apresentadas se centraram em indicar como os pais podem e devem cumprir essa função.

Além do que vimos também que algumas reportagens visavam trazer diversos exemplos de crianças empreendedoras, com o objetivo de apresentá-las como modelos que podem e devem ser seguidos. Exemplos que se demonstraram frágeis, pois não abarcavam a complexidade que as diferentes realidades apresentam.

Conclui-se que o discurso neoliberal produz o fenômeno da infância empreendedora. Fenômeno que se caracteriza por ser a materialização, a forma como o discurso neoliberal toma concretude. O principal objetivo desse fenômeno é o de produzir comportamentos específicos, gerando assim uma subjetividade própria.

REFERÊNCIAS

5 CRIANÇAS que dão um show de empreendedorismo. **Pequenas Empresas Grandes Negócios**, São Paulo, 14 jan. 2015. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/noticia/2015/01/5-criancas-que-dao-u-m-show-de-empreendedorismo.html>. Acesso em: 17 out. 2019.

ABOUT Travis Bradberry. **Entrepreneur**, c2019. Disponível em: <https://www.entrepreneur.com/author/travis-bradberry>. Acesso em: 21 nov. 2019.

AGRELA, L. Os 50 sites mais acessados do Brasil e do mundo. **Exame**, São Paulo, 20 jun. 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/os-50-sites-mais-acessados-do-brasil-e-do-mundo/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ALERTAS sobre o perigo do jogo Baleia Azul. **O Dia - IG**, Rio de Janeiro, 18 abr. 2017. Disponível em: https://odia.ig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2017-04-19/alertas-sobre-o-perigo-do-jogo-baleia-azul-policia-identifica-duas-meninas-que-acessaram-o-jogo-bale.html. Acesso em: 21 nov. 2019.

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado (Notas para uma investigação). In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. cap. 5, p. 105-142.

BARROS, T. Desenvolvedor de 17 anos cria app para iPhone e recebe US\$ 1 milhão. **Techtudo**, 07 nov. 2012. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/11/desenvolvedor-de-17-anos-cria-app-para-iphone-e-recebe-us-1-milhao.html>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRADBERRY, T. 8 maneiras de formar seu filho como um líder. **Forbes**, São Paulo, 12 ago. 2015. Disponível em: <https://forbes.com.br/fotos/2015/08/8-maneiras-de-formar-seu-filho-como-um-lider/>. Acesso em: 17 out. 2019.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CASAQUI, V.; MATIJEWITSCH, F.; FIGUEIREDO, C. B. S. Empreendedorismo, Infância e Celebidades: análise dos discursos do empreendedorismo para crianças. **Intexto**, Porto Alegre, n. 44, p. 99-119, jan./abr. 2019.

CASTRO-GÓMEZ, S. **Historia de la gubernamentalidad**. Razón de Estado, liberalismo y neoliberalismo en Michel Foucault. 21. ed. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2010.

COAN, M. **Educação Para o Empreendedorismo**: implicações epistemológicas, políticas e práticas. 2011. 540 f. Tese (Doutorado em Educação)– Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COSTA, S. S. G. Governamentalidade Neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 171-186, mai./ago. 2009.

CRIANÇAS empreendedoras. **CartaCapital**, São Paulo, 13 mar. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/criancas-empendedoras/>. Acesso em: 17 out. 2019.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINO. Franquias e o sistema de franchising no Brasil. **Exame**, São Paulo, 17 nov. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/franquias-e-o-sistema-de-franchising-no-brasil-shtml/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

EMPREENDEDORES: 5 crianças que ganham mais de R\$ 700 mil por ano. **BBC**, São Paulo, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47293311> . Acesso em: 17 out. 2019.

FERREIRA, A. Aos 13 anos, menino é dono de start-up e dá palestra para adultos. **UOL**, Santo André, 05 set. 2014. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2014/09/05/aos-13-anos-menino-e-dono-de-start-up-e-da-palestra-para-adultos.htm>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FONSECA, M. **Linkedin**, São Paulo, c2019. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/marianafsc>. Acesso em: 21 nov. 2019.

FONSECA, M. Pai de Zuckerberg ensina como criar filhos empreendedores. **Exame**, São Paulo, 14 dez. 2015. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/pme/pai-de-zuckerberg-ensina-como-criar-filhos-empendedoras/>. Acesso em: 17 out. 2019.

FORBES BRASIL. **Sobre**. c2018. Disponível em: <https://forbes.com.br/sobre-2/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. **A Ordem do Discurso**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Segurança, Território, População**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

GADELHA, S. Empresariamento da sociedade e governo da infância pobre. **Revista Colombiana de Educación**, Bogotá, n. 65, p. 215-237, jul./dez. 2013.

GEE, A. Quatro casos de crianças empreendedoras de sucesso. **BBC**, Londres, 13 fev. 2014. Disponível em:
https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/02/140213_crianças_empreendedoras_fn Acesso em: 11 nov. 2019.

GREGO, M. Mariana Fonseca, de EXAME, recebe mais um prêmio de jornalismo da ABF. **Exame**, São Paulo, 7 mai. 2019. Disponível em:
<https://exame.abril.com.br/blog/blog-do-site-exame/mariana-fonseca-de-exame-recebe-mais-um-premio-de-jornalismo-da-abf/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

HARVEY, D. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KOOSER, A. Robert Nay, Bubble Ball: A 14-Year-Old Built The No. 1 iPhone Game. **Huffpost**, Los Angeles, 26 jan. 2011. Disponível em:
https://www.huffpost.com/entry/robert-nay-bubble-ball-14-year-old-built-iphone-app_n_910170 Acesso em: 11 nov. 2019.

LAM, C. Como transformar seu filho em um empreendedor. **Exame**, São Paulo, 21 jun. 2012. Disponível em:
<https://exame.abril.com.br/pme/como-transformar-seu-filho-em-um-empreendedor/>. Acesso em: 17 out. 2019.

LAM, C. **LinkedIn**, Belo Horizonte, c2019. Disponível em:
https://br.linkedin.com/in/camila-lam?trk=people-guest_profile-result-card_result-card_full-click. Acesso em: 21 nov. 2019.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: _____. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. cap.1, p. 8-23.

MATOS, C. Aos 15 anos, adolescente vende empresa. **Folha de Londrina**, São Paulo, 13 ago. 2011, Disponível em:
<https://www.folhadelondrina.com.br/economia/aos-15-anos-adolescente-vende-empresa-764032.html>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MINATEL, I. Eduque seus filhos pensando em desenvolver neles comportamentos empreendedores. **Revista Crescer**, São Paulo, 17 jun. 2019. Disponível em:
<https://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Isa-Minatel-Crescer-sem-limites/noticia/2>

019/06/eduque-seus-filhos-pensando-em-desenvolver-neles-comportamentos-empresendedores.html. Acesso em: 17 out. 2019.

MINATEL, I. **Linkedin**, Campinas, c2019. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/isa-minatel-85852732>. Acesso em: 21 nov. 2019.

MOREIRA, D. Garoto de 15 anos vende startup que criou há dois anos. **Exame**, São Paulo, 11 jun. 2011. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/pme/garoto-de-15-anos-vende-startup-que-criou-ha-dois-anos/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PAULINO, R. Meu filho é um líder? **Delas - iG**, São Paulo, 16 abr. 2014. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/filhos/2014-04-16/meu-filho-e-um-lider.html>. Acesso em: 17 out. 2019.

PERIM, P. **Linkedin**, São Paulo, c2019. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/paula-perim-895b451a>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PERIM, P. O melhor líder para o seu filho. **Revista Crescer**, São Paulo, Ed. 233, abr. 2013. Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI316455-15546,00-O+MELHOR+LIDER+PARA+O+SEU+FILHO.html>. Acesso em: 17 out. 2019.

PINHEIRO, C. Montessori, construtivista... Como escolher a escola do meu filho? **Bebe**, São Paulo, 15 nov. 2019. Disponível em: <https://bebe.abril.com.br/desenvolvimento-infantil/montessori-construtivista-como-escolher-a-escola-do-meu-filho/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PRISCILA Zuini. Guia Franquias de Sucesso, c2019. Disponível em: <https://guiafranquiasdesucesso.com/author/priscila-zuini/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

RASOM, D. How a 9-Year-Old Entrepreneur's Business Went Viral. **Entrepreneur**, 21 abr. 2012. Disponível em: <https://www.entrepreneur.com/article/223395>. Acesso em: 10 nov. 2019.

RODRIGUES, M. Não dê mesada: veja essa e mais 10 dicas para seu filho virar empresário. **UOL**, São Paulo, 11 out. 2016. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2016/10/11/nao-de-mesada-veja-essa-e-mais-10-dicas-para-seu-filho- virar-empresario.htm>. Acesso em: 17 out. 2019.

SALZA, C. Javier Agüera, el joven español que se 'come' Silicon Valley. **prnoticias**, 9 jun. 2016. Disponível em:

<https://prnoticias.com/tecnologia/innovacion/20153690-javier-aguera-startups>
Acesso em: 11 nov. 2019.

SOLOMON, S. D. In a Lemonade Stand, a Transformation of the Corporation. **The New York Times**, New York, 12 nov. 2013. Disponível em:
https://dealbook.nytimes.com/2013/11/12/in-a-lemonade-stand-a-transformation-of-the-corporation/?_r=0. Acesso em: 10 nov. 2019.

THOMAS Suarez, 12-Year-Old Wunderkind, Gives A TED Talk On His Apps (VIDEO). **Huffpost**, Los Angeles, 15 nov. 2011. Disponível em:
https://www.huffpost.com/entry/thomas-suarez-ted-12-year-old_n_1095004. Acesso em: 11 nov. 2019.

YOUNG Money: Seven Successful Entrepreneurs Under Age 17. **Bloomberg**, Nova Iorque, 24 abr. 2014. Disponível em:
<https://www.bloomberg.com/news/photo-essays/2014-04-24/young-money-seven-successful-entrepreneurs-under-age-17>. Acesso em: 18 nov. 2019.

ZUINI, P. 7 exemplos de crianças empreendedoras. **Exame**, São Paulo, 22 mai. 2012a. Disponível em:
<https://exame.abril.com.br/pme/7-exemplos-de-criancas-empendedoras/>. Acesso em: 17 out. 2019.

_____. App leva garoto de 16 anos ao Vale do Silício. **Exame**, São Paulo, 23 mar. 2013. Disponível em:
<https://exame.abril.com.br/pme/app-leva-garoto-de-16-anos-ao-vale-do-silicio/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

_____. Garoto de 12 anos cria startup e surpreende em palestra do TED. **Exame**, São Paulo, 16 nov. 2011. Disponível em:
<https://exame.abril.com.br/pme/garoto-de-12-anos-cria-startup-e-surpreende-em-palestra-do-ted/> Acesso em: 10 nov. 2019.

_____. Garoto de 9 anos vira empreendedor com parque caseiro. **Exame**, São Paulo, 23 abr. 2012b. Disponível em:
<https://exame.abril.com.br/pme/garoto-de-9-anos-vira-empendedor-com-parque-de-diversoes-caseiro/>. Acesso em: 10 nov. 2019.